

O QUE É UM TOMISTA?

Santiago Ramírez, OP¹

Por ocasião das festas centenárias da morte de São Tomás, houve uma restauração e um rejuvenescimento do tomismo, de que todos participamos e aplaudimos, graças ao gigantesco impulso do grande Leão XIII, continuado por seus sucessores no Trono Pontifício e apoiado pela docilidade e pelos esforços dos católicos de boa vontade.

Será estéril o centenário da sua canonização? Se isso fosse verdade, dever-se-ia dizer que a vida e a glória devem ser buscadas no sepulcro, e não nos altares. É dever dos católicos, e de modo singular dos da nossa Espanha, tornar fecundo este centenário com uma fecundidade maior do que passada, uma vez que – conforme disse belamente Leão XIII – são os espanhóis “que amam com fervor a memória do Doutor Angélico e entre os quais encontram-se, em todos os tempos, discípulos geniais e instruídos na filosofia tomista”.²

E como a fecundidade é uma propriedade da vida perfeita, e a vida não existe em abstrato, mas sim num sujeito vivo, é necessário concluir que a fecundidade do tomismo deve brotar da vida tomista perfeita existente nos tomistas perfeitos.

Além disso, o tomismo não é algo animal ou vegetativo, mas essencialmente intelectual, o que significa que ele é reflexivo, consciente, íntimo, e que a vida intelectual é tanto mais perfeita quanto mais íntima e imanente, e, portanto, menos mecânica e rotineira. Daí que, à medida que cresce o conhecimento do verdadeiro espírito tomista, até possuir uma *consciência plena* do que é – conforme uma frase muito atual –, forçosamente também irá aumentar e se aperfeiçoar a vida tomista, até chegar à sua plenitude.

1) Fr. Santiago Ramírez, OP (1891-1967), filósofo e teólogo espanhol, foi considerado um dos maiores tomistas do século XX. Estudou na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicum, Roma), onde também ensinou antes de ser transferido para o Convento de San Esteban de Salamanca. Ensinou ainda na Universidade de Friburgo (Suíça). Escreveu inúmeras obras, além de comentários a São Tomás de Aquino, boa parte redigidos em latim. Tradução do espanhol, com partes em francês e latim por Felipe de Azevedo Ramos, EP, a partir do original encontrado em: RAMÍREZ, Santiago. ¿Qué es un tomista? *Ciencia tomista*, v. 27, 1923, p. 164-193 (escrito em 5 de fevereiro de 1923).

2) *Epístola a D. Alejandro Pidal y Mon*, 12 de dez. de 1884, apud BERTHIER, Joachim. *S. Thomas Aquinas “Doctor Communis” Ecclesiae*. Romae: Nazionale, 2014, t. 1, n. 275, p. 225 (no original transcrito em latim): “Qui memoriam adamant Doctoris Angelici et in quibus Thomistica philosophandi ratio sectatores ingeniosos et doctos omni tempore invenit”.

O que é um tomista?

Não nutrimos a pretensão de crer que o tomismo adquiriu em nós plena consciência de si mesmo; por conseguinte, mal poderemos revelá-la aos demais: outros já tentaram fazê-lo,³ não sei se com boa ou má sorte.

Nosso propósito é mais modesto. O que é um tomista? Cremos que seria o caso, para viver uma vida tomista perfeita, o saber *o que é um tomista*, para assim adquirir o que nos falta e agir em consonância com o ser que temos, isto é, para ao menos tender a esse ideal do tomista perfeito.

Por *tomista*⁴ não entendemos uma palavra vazia, nem um homem vestido de uma determinada cor, seja branca, seja negra, nem muito menos alguém que *toma* de São Tomás o que esteja conforme a sua vontade, segundo seus caprichos, mas sim aquele que *participa, ou tem ou aspira a ter o espírito* de São Tomás de Aquino, e que procura, quanto está ao seu alcance, penetrar mais nele e agir em conformidade com ele.

Infere-se disso que não é possível definir o que é um tomista a não ser em relação a São Tomás, e que, por conseguinte, é preciso saber de antemão o que é o *espírito* ou a *forma*, por assim dizer, de São Tomás, para em seguida ver o modo de encarná-la em nós, de cultivá-la e de fazê-la frutificar, e de evitar o que a seu desenvolvimento se oponha.

Bela questão, e de transcendência suma, para a qual confessamos não ter tempo, nem competência, nem sequer espaço suficiente num artigo de revista. Por isso, não tentamos descobrir o Mediterrâneo, nem nos dirigimos aos tomistas formados e de mais idade, mas sim aos que estão em vias de formação, para que se sintam estimulados a se formar no *espírito* do Santo Doutor, segundo as orientações da Igreja. Diremos, pois, umas tantas vulgaridades antigas, que, por vulgares – e ainda por serem vetustas –, costumam ser esquecidas às vezes, ao menos praticamente, por muitos dos que se chamam – e quiçá o sejam – tomistas perfeitos, isto é, autênticos. Advirta-se, contudo, que não fazemos polêmica, nem nos referimos a alguma pessoa ou corporação em particular.

Queira Deus que, se não pelos acertos, ao menos pelos desatinos, consigamos despertar aos que desejam ser tomistas, para que pensem um pouco sobre *o que é um tomista de espírito*. Em todo caso, suplicamos aos

3) MAGGIOLO, Mariani. Le thomisme. *Revue Thomiste*, 26, 1921, p. 5-29. GILSON, Étienne. *Le thomisme. Introduction au système de S. Thomas d'Aquin*. Strasbourg, 1920.

4) Sobre a origem histórica deste nome: cf. EHRLE, Franceso. Arnaldo de Villanova ed i "Thomatiste": Contributo alla storia della scuola tomistica. *Gregorianum*, v. 1, 1920, p. 475.

nostros leitores que não nos julguem *a priori*, mas depois de nos ter lido do começo ao fim com serenidade de espírito.

1. Qual é o verdadeiro espírito de São Tomás de Aquino?

Consultemos a sua vida e as suas obras e elas nos dirão. São Tomás é um espírito aferrado ao problema de Deus, ao qual dedicou todas as energias de sua alma e todos os instantes de sua vida. Ainda menino o vemos meditativo, preocupado por esta ideia e perguntando a seus mestres de Monte Cassino quem é Deus.⁵ Mais adiante o encontramos, algumas vezes absorto em si mesmo e separado dos sentidos, em profunda meditação, de sorte que tinham que cuidar dele como a ama de leite a um menino.⁶ Em outras, o encontramos passeando com a cabeça levantada e os olhos elevados para o Céu, como que querendo penetrar no seio da divindade.⁷

Mas, sobretudo, buscava-O com toda a sua alma pelo estudo e pela oração incessantes, ou seja, pelo entendimento e pela vontade.

Sim, pelo entendimento, por aquele espírito tão rico em dons naturais e sobrenaturais. Desde muito jovem, sendo discípulo do Beato Alberto Magno,⁸ em Colônia, revelou seu talento profundo e original, seja nas disputas públicas, seja também nas suas *reportata*, ou anotações de aula, que eram verdadeiros tratados, não materialmente transcritos ou fragmentariamente compreendidos, como costuma acontecer com o comum dos estudantes, mas elaborados por seu próprio pensamento, e perfilados e redigidos de um

5) GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita S. Thomae Aquinatis*, cap. I, n. 5, apud BOLLANDIANOS. *Acta Sanctorum Martii*. Antuerpiaei, 1668, t. I, p. 660, col. 1.

6) “Circa quem oportebat semper assumere nutricis officium, propter abstractionem quasi continuam, et frequentem ad caelestia mentis raptum, ut sic abstractum ab exterioribus praevnire etiam oporteret de necessariis corporis alimentis, et praeparare ante ipsum quod sumeret, ne in his, quae nocerent, error contingeret, si abstractus continue in sumendis erraret” (ibid., cap. 10, n. 64, p. 678, col. 2).

7) “Una de potissimis recreationibus corporis dicti fratris Thomae erat incedere solus per claustrum, capite elevato, et ipse testis frequenter vidit eum sic solum incedentem per claustrum dicti beati Dominici” de Nápoles (testemunho de Bartolomeu de Cápua no processo de canonização de São Tomás, apud Bollandianos, loc. cit., *Processus de vita S. Thomae Aquinatis*, cap. 9, n. 81, p. 713, col. 2, ao final).

8) O mestre de São Tomás foi canonizado após a redação deste artigo, a saber, no dia 16 de dezembro de 1931, pelo Papa Pio XI. Nessa data também foi proclamado Doutor da Igreja (NT).

modo pessoal. Felizmente conservamos alguns tratados e, inclusive, alguns autógrafos desses anos juvenis.⁹ A inteligência daquele estudante genial não era meramente passiva, mas profundamente sensível e reativa aos estímulos de seus professores. Aquela taciturnidade e como que abobamento aparente, que tanto chocavam e faziam rir a seus condiscípulos do Reno, eram, isto sim, o indício de uma fermentação mental estupenda, à qual submetia todas as explicações de seus professores e todas as suas próprias leituras; porque não houve livro que, tendo caído em suas mãos, lhe pudesse ocultar os seus segredos.¹⁰

Seja-nos permitido transcrever as próprias palavras de seus biógrafos, porque aqui já aparece a pujança e a orientação de seu gênio:

Taciturno, ele começou a observar um silêncio admirável, [era] assíduo no estudo, devoto na oração, recolhendo interiormente na memória o que depois se exprimiria pelo ensinamento. Uma vez que sob o véu de uma admirável simplicidade escondia taciturno tudo o que aprendia do mestre e o que o Deus misericordioso nele infundia, os frades começaram a chamá-lo “boi mudo”, ignorando o mugido de ensinamento que se produziria nele no futuro.¹¹ [...] Sempre que crescia seu modo taciturno, cuja utilidade a opinião humana desconhecia, o Mestre Alberto começava a ler o livro *Sobre os nomes divinos*, do Bem-aventurado Dionísio, e o predito jovem passava a ouvir mais atentamente a sua aula. A respeito deste, um certo estudante, ignorando qual o tamanho da inteligência que nele se escondia, ofereceu-se, tomado de compaixão, a repetir e ordenar a lição para ele. Este [Frei Tomás], como era muito humilde, aceitou agradecido. Então, o estudante, ao começar a revisar a lição, falhava ao mesmo tempo em transmitir o seu conteúdo. O mesmo Tomás, como que aceitando uma autorização de Deus, citou a lição com distinção, e acrescentou muitas coisas que o mestre não havia dito. O estudante, ficando admirado, rogou que o Frei Tomás revisasse as aulas, e fizesse um acordo com ele em agradecimento pelas mútuas vicissitudes. Este [Frei Tomás] então pediu humildemente que ele promettesse que não revelaria isso aos outros, a fim de poder permanecer escondido em sua simplicidade. Todavia, ao prometer isso, [o estudante]

9) Sobre o curso inédito do Beato Alberto Magno à Ética de Aristóteles, recolhido e redigido por São Tomás, veja-se o estudo recente de A. Pelzer na *Revue de Philosophie Neo-Scholastique*, ago. 1922, p. 333-361; novembro, 1922, p. 479-520. O Autógrafo de suas *reportata* sobre o Pseudo-Dionísio, o Areopagita, se conserva na biblioteca pública de Nápoles.

10) “Numquam librum legerat quem divino adjutus spiritu non intelligeret, et *ad profundum libri mysterium non veniret*” (GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita S. Thomae*, cap. 7, n. 40, loc. cit., p. 672, col. 1).

11) Nota do tradutor: Na versão latina oferecida por Ramírez encontra-se a palavra “magistrum” no lugar de “mugitum”. Esta última interpretação baseada nos manuscritos é a que prevalece na atualidade.

ficou em dificuldade, perguntando-se se era para se calar mesmo, e acabou indicando ao Mestre dos estudantes o inesperado tesouro de sabedoria que ele encontrou nas palavras do jovem. Certa feita, ele [o Mestre dos estudantes] se colocou escondido no local onde se faziam as revisões e percebeu a idoneidade dele, maior que já tinha escutado de um estudante. Então, ele foi comunicar ao Mestre Alberto, para consolá-lo, acerca do progresso de seu discípulo.

Ademais, diz-se que aconteceu naqueles dias que o mestre teve que disputar uma questão difícil. Enquanto o Frei Tomás escrevia anotações numa folha, a qual foi encontrada por acaso por um certo estudante na frente de sua cela, este mostrou-a com alegria ao Mestre, que, ao lê-la, admirou-se com a descoberta do diligente discípulo. Percebeu que aquele tão constante silêncio, unido a tanta simplicidade e pureza de modos e de vida, não ocorria senão pelo privilégio de uma grande e secreta graça. Então, o mestre dos estudantes mandou lhe perguntar sobre uma questão bastante difícil, que deveria ser respondida no dia seguinte. Ele [Frei Tomás], por humildade, não queria respondê-la, mas por, necessidade de obediência, assentiu. A seguir, ao se dirigir ao local habitual de orações, e confiando-se humildemente a Deus para começar o seu primeiro ato escolar, preparou-se para responder à questão do dia seguinte na escola, favorecido pelo auxílio divino tanto quanto pudesse. Depois, ao repetir os argumentos do Mestre, enunciara certa distinção e respondera aos argumentos de modo cabal. Então o referido Mestre disse-lhe: “Frei Tomás, parece-me que tu deverias ser colocado não no lugar daquele que responde, mas daquele que resolve”. Ao que ele retrucou com toda reverência: “Mestre, não percebo que outra poderia ser a resposta para a questão”. Então o Mestre disse-lhe: “Responde então a essa questão conforme o teu modo de distinguir”. E elaborou para ele quatro argumentos tão difíceis, que se cria que jamais fossem concluídos. Como Frei Tomás respondesse a eles de modo excelente, isso levou o Mestre Alberto a dizer com espírito de profecia: “Nós o chamamos de boi mudo, mas em breve ressoará o mugido de sua doutrina por todo o mundo”.¹²

12) GUILLELMUS DE TOCCO, *Vita...*, cap. 3, n. 13, p. 662-663. Vendo aquele homem alto e corpulento, de um cérebro mais volumoso que o comum, taciturno e lento em seus movimentos, é muito natural que o comparassem a um *boi* e o chamassem *Boi Mudo*. As testemunhas do processo de canonização concordam em dizer que Fr. Tomás era “homo magnae staturae, grossus, brunus vel coloris triticei et calvus in fronte”. (No original em latim: “Coepit miro modo taciturnus esse silentio, in studio assiduus, in oratione devotus, interius colligens in memoria quod postmodum effunderet in doctrina. Qui cum sub velamine mirae simplicitatis taciturnus absconderet, quidquid a Magistro addisceret et quod Deus ei miserantem infunderet, coeperunt eum Fratres vocare Bouem mutum, ignorantes de eo futurum in doctrina ~~Magistrum~~ [mugitum]. [...] Cumque sic taciturnus proficeret, cuius profectum opinio humana nesciret, coepit Magister Albertus librum *de Divinis nominibus* B. Dionysii legere, et praedictus iuvenis lectionem attentius audire. Cui cum quidam studens, ignorans quanta virtus intelligentiae in ipso lateret, *ex compassione ad repetendam ei lectionem se voluisset conjungere*; ipse ut humillimus grates referens,

Esta originalidade e profundidade, que foram aumentando com o passar dos anos, não ficaram ocultas a seus contemporâneos, os quais as ressaltam com frequência:¹³ elas estão na base de seu espírito, ao mesmo tempo tradicional e progressista; porque aquela profundidade com que penetrava as coisas, junto com uma grande amplitude de critério e uma laboriosidade imensa, com as quais buscava a verdade onde quer que se encontrasse – ainda que fosse de uma maneira fragmentária –, dava-lhe um fundo de tradicionalismo por ninguém superado ou igualado. Por outra parte, aquele labor depurativo dos dados filosóficos e teológicos tradicionais, por intermédio dos primeiros princípios da razão e da fé, vistos em Deus e julgados a partir de Deus, natural e sobrenaturalmente considerado, fez com que as correntes da fé e da razão, já cristalinas, deslizassem paralelas e fecundassem os campos da Filosofia e da Teologia. Nisso consiste sua profunda originalidade, não mais material e aparente, mas formal e realíssima. “São Tomás – escreve É. Gilson –, que sabe condenar tão friamente as doutrinas que ele julga falsas, é, por outro

acceptavit: qui studens cum coepisset repetere, et tamen deficeret; praedictus <frater> Thomas, quasi iam a Deo accepta licentia, lectionem *distincte repetiit*, et multa, *quae Magister non dixerat, repetendo supplavit*: de quo studens admirans, rogavit, ut deinceps Fr. Thomas lectiones repeteret, et sibi in hoc pro gratia mutuae vicissitudinis responderet. Quod cum humiliter promississet, rogavit, ne aliis revelaret, ut ipse adhuc absconditus in sua simplicitate maneret. Qui cum hoc promitteret, graviter tamen se arguens si taceret, indicavit Magistro studentium inventum in dicto iuvene sapientiae inopinatae thesaurum; qui cum occulte loco repetitionis se ingerens, eius sufficientiam, plus quam a studente audiverat, percepisset, Magistro Alberto profectum studuit indicare discipuli pro consolatione Magistri. Contigit etiam illis diebus dictum Magistrum disputare difficilem quaestionem, quam cum Frater Thomas recollectam scripsisset in schedula, et quidam studens casu ipsam ante eius cellam inventam cum gaudio Magistro ostendisset, legens ipsam Magister, et furtum studiosi admirans discipuli, advertit in ipso tam diutinum silentium, cum tanta simplicitate et puritate conversationis et vitae, alicujus magnae et occultae gratiae non carere privilegio. Unde mandavit Magistro studentium, ut quaestionem satis difficilem ei committeret, de qua in crastino responderet, quam, cum ex humilitate nollet recipere, ex necessitate obedientiae paruit. Unde ad consuetum locum orationis se conferens, et ad primum actum inchoandum scholasticum Deo humiliter se commendans, ad respondendum de quaestione, prout divino adjutus auxilio potuit, in scholis in crastino se paravit. Vnde cum repetitis argumentis Magistri *praemisisset quamdam distinctionem*, et ad argumenta sufficientissime responderet, praedictus Magister ei dixit: *Frater Thoma, tu non videris tenere locum respondentis, sed determinantis*. Cui cum omni reverentia respondit: *Magister non video qualiter possim ad quaestionem aliter respondere*. Tunc Magister dixit: *Modo respondeas ad quaestionem per TUAM distinctionem*; et fecit ei quatuor argumenta tam difficilia, quod *omnino se eum crederet conclusisse*. Ad quae cum Frater Thomas *sufficientissime* respondisset, fertur Magistrum Albertum dixisse per spiritum prophetiae: *Nos vocamus istum BOVEM MUTUM; sed ipse adhuc talem dabit in doctrina mugitum, quod in toto mundo sonabit*”).

- 13) “Erat enim *novos* in sua lectione movens articulos, *novum modum* et clarum determinandi inveniens et *novas* inducens in determinationibus *rationes*, ut nemo qui ipsum audisset *nova* dicere et *novis* rationibus dubia definire, dubitaret quod eum Deus *novi* luminis radiis illustraret, qui statim tam certi coepisset esse iudicii, ut non dubitaret, *novas* opiniones docere et scribere, quas Deus dignatus esset, *noviter* inspirare. Scripsit in Baecellaria et in principio sui Magisterii super quatuor libros Sententiarum opus, stylo disertum, intellectu profundum, apertum intelligentia, et *novis* articulis dilatatum” (GUILLELMUS DE TOCCO, *ibid.*, n. 15, p. 663, col. 2).

lado, apaixonadamente curioso em extrair das mais diversas filosofias a alma de verdade que elas possam conter”.¹⁴

Os que creem que São Tomás é um compilador esforçado, ou um plagiário, como recentemente acaba de escrever Brunschvicg,¹⁵ repetindo a cantilena de Pierre Duhem e de tantos outros, e que o tomismo é uma enciclopédia ou um mosaico, no qual se podem apreciar num relance os fragmentos do qual é composto; estes leram e meditaram muito pouco o Santo Doutor.

Com maior sentido histórico, afirma o autor há pouco citado que:

Definindo-se em relação ao averroísmo, como se definiu em relação ao agostinismo, São Tomás estabelece solidamente que a sua filosofia não depende senão dela mesma, e que ela constitui uma síntese original, essencialmente irredutível a qualquer um dos sistemas do passado.¹⁶

Já faz muitos anos que outro escritor francês,¹⁷ com justiça célebre, tinha contestado essas críticas de nossos dias:

Que nos seja permitido perguntar se, na *Suma Teológica* e na *Suma contra os gentios*, o esquema geral da obra não tem um caráter de grandeza que, sustentado até o fim na execução, supõe uma força de espírito incontestável? O artista que edifica um monumento não produziu nem a pedra que emprega, nem mesmo as formas parciais que ele congrega numa obra conjunta; entretanto, ele será considerado como um gênio criador, se o edifício que construiu oferece belas proporções que encantam a vista. Seria necessário mais do que o rigor para conseguir colocar como objeção contra São Tomás o vasto saber do qual se alimentou o seu gênio, e que lhe permitiu produzir esta série de obras excelentes, tão sólidas, tão completas, tão instrutivas.¹⁸

14) GILSON, Étienne. *La Philosophie au Moyen Âge*, t. II, chap. 1, p. 15. Paris, Payot et Cie., 1922. No original de Ramírez, citado diretamente em francês: “Saint Thomas qui sait condamner si sèchement les doctrines qu’il juge fausses, est au contraire passionnément curieux d’extraire des philosophies les plus diverses l’âme de vérité qu’elles peuvent contenir”.

15) BRUNSCHVICG, Léon. *L’expérience humaine et la causalité physique*. Paris. Alean, 1922, cap. 18, p. 166.

16) GILSON. Op. cit., p. 35. Citado diretamente em francês: “En se définissant par rapport à l’averroïsme comme il s’était défini par rapport à l’augustinisme, Saint Thomas établissait solidement que sa philosophie ne relevait que d’elle-même, et qu’elle constituait une synthèse originale, irréductible par essence à l’un quelconque des systèmes du passé”.

17) Na realidade, suíço francófono (NT).

18) JOURDAIN, Charles. *La Philosophie de Saint Thomas d’Aquin*. Paris, Hachette, 1858, t. I, l. I, sect. 3. chap. 7, p. 452-453. Citado diretamente em francês: “Qu’il nous soit permis de demander si, dans la *Somme de Théologie* et dans la *Somme contre les Gentils*, le dessin général de l’œuvre n’a

São Tomás, como verdadeiro amante da verdade, não poupa meios para consegui-la. Por isso, vemo-lo ir estudar nas fontes, algo tão raro em seu tempo, buscando que lhe fizessem traduções novas e diretas das obras de Aristóteles e de muitos Padres da Igreja;¹⁹ e, em seus *Comentários* sobre o Filósofo, manifesta ter presentes, e muito lidas, as exposições de Alexandre, Simplicio, Filopono, Boécio e Averróis, bem como os tratados de Avicena e de alguns outros árabes. Ainda que nisso seja justo reconhecer que ele deve a sua vocação e a sua iniciação ao Beato Alberto Magno, o qual, segundo uma feliz frase do Padre Mandonnet, OP, “pondo-o sobre seus ombros, fê-lo ver um imenso horizonte pelos campos da Filosofia”.²⁰

Não resolvia o Angélico nenhum problema filosófico nem teológico sem ter em conta tudo o que já se tinha escrito sobre ele e se podia ter à mão em seu tempo: *Nullum fuit scriptorum genus* – diz a Igreja – *in quo non esset diligentissime versatus* (“não existiu gênero de escritores que ele não fosse diligentissimamente versado”).²¹ Persuadido de que a verdade completa não é monopólio de nenhum homem particular, mas que todos contribuem de um modo ou de outro para conquistá-la e esclarecê-la, ia de um a outro como uma abelha solícita e laboriosa, tirando o néctar neles contido e elaborando-o em si mesmo, convertendo-o em substância própria, para fabricar depois esse favo de mel tão doce e tão simétrico que admiramos em suas obras. A sua *Catena aurea* e seus *Opúsculos* de controvérsia com os gregos e com os inimigos dos mendicantes são um testemunho perene de seus maravilhosos

pas un caractère de grandeur qui, soutenu jusqu'à la fin dans l'exécution, suppose une force d'esprit incontestable? L'artiste qui élève un monument n'a produit ni la pierre qu'il emploie, ni même les formes partielles qu'il rapproche dans une œuvre d'ensemble; cependant, il sera considéré comme un génie créateur, si l'édifice qu'il a construit offre de belles proportions qui charment la vue. Il y aurait plus que de la rigueur à tourner en objection contre Saint Thomas le vaste savoir qui a été l'aliment de son génie, et que lui a permis de produire cette suite d'excellents ouvrages, si solides, si complets, si instructifs”.

19) GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, loc. cit. cap. 4, n. 18, p. 665, col. 2: “Ut magis integra et continua praedicta Sanctorum expositio redderetur, quasdam expositiones Doctorum graecorum in latinum feci transferri” (TOMÁS DE AQUINO. *Catena aurea super Marcum, epistola dedicatoria*, Marietti, 1915, t. 1, p. 468).

20) “Porté sur les épaules de son maître, le jeune étudiant découvrira d'un seul coup d'œil des horizons que nul autre n'aurait per lui dévoiler aussi vastes” (MANDONNET, Pierre. Saint Thomas d'Aquin: Le disciple d'Albert le Grand. *Revue des Jeunes*, 25 janvier 1920, p. 155).

21) *Ofício de Santo Tomás de Aquino*, 7 de março, lição 5. “Nulla Scripturae veritas remansit sibi abscondita, nec Doctoris cujuscumque scriptura inaccessibilis, involuta” diz G. de Tocco (loc. cit., cap. 4, n. 18, p. 665, col. 1).

conhecimentos patrísticos, que tantos suores lhe custaram, como ele mesmo o confessa ingenuamente.²²

Respeitando sempre as pessoas e tratando-as com suavidade e doçura, mesmo nas lutas mais encarniçadas, e apesar das provocações de seus adversários raivosos e da refinada sensibilidade do Santo Doutor, nunca se deixou levar por afetos pessoais, nem por simpatias ou antipatias, quando se tratava da verdade. Sobre essa liberdade de ânimo, há um caso interessante na sua vida, ao qual faremos referência.

Um dia, ao voltar de um passeio com seus discípulos, passaram por certo lugar, do qual dominava a bela e riquíssima cidade de Paris, num dia esplendoroso. Um daqueles se aproximou dele e lhe disse: “Mestre, veja que bonita é Paris!... Gostaria de ser o dono dela?” Frei Tomás replicou: “Queria ter, isto sim, as homilias completas de São João Crisóstomo sobre o Evangelho de São Mateus. Se fosse minha esta cidade, não poderia me dedicar ao estudo e à contemplação das coisas divinas e perderia o consolo de minha alma, tendo que me ocupar de seu governo”.²³ E, contudo, quando o mesmo Crisóstomo exagera em seu literalismo exegetico, admitindo na Virgem Santíssima certas imperfeições, não duvida em dizer pura e simplesmente: *Chrysostomus excessit* (Crisóstomo exagerou).²⁴ A esse respeito, Caetano faz esta saborosíssima observação:

Considera reverentiam, sapientiamque tanti Doctoris; invenit Chrysostomum in hac materia contrarium Augustino rationique, non clamavit accusando, exaggerando – ut hodie faciunt multi –, modestissime dixit: Excessit; sapientissime subjunxit verba ipsa reduci posse ad sanum sensum, quidquid Auctor senserit subticens. Frequenter enim Auctor, sicut in Philosophia Aristotelem ut philosophum exponit, quidquid ipse Aristoteles senserit, ita in Theologia Doctores ut theologos, quidquid illi

22) “Cum multo labore diligens adhibui studium ut quatuor Evangeliorum expositionem complem, eadem in omnibus forma servata in ponendis Sanctorum auctoritatibus et eorum nominibus praescribendis” (*Catena Aurea in Marcum*, epist. nuncupatoria ad Hannibaldum, prebyterum Cardinalem, ed. cit., p. 468).

23) GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, cap. 7, n. 43, p. 672, col. 2. Sobre isso se refere também BARTOLOMEU DE CÁPUA (*Processus de Vita S. Thomae Aq.*, cap. 9, n. 78, loc. cit., p. 712, col. 2).

24) *S. Th.*, III, q. 27, a. 4, ad 3: “In verbis illis Chrysostomus excessit: Possunt tamen exponi ut intelligatur in ea (B. Virgine) dominum cohibuisse, non inordinatum inanis gloriae motum quantum ad ipsam, sed id quod ab aliis posset existimari”. Já tinha dado antes uma regra geral de exposição patrística, quando disse: “Hujusmodi locutiones non sunt extendendae tamquam propriae, sed pie sunt exponendae, ubicumque a Sacris Doctoribus ponuntur” (*S. Th.*, III, q. 27, a. 4, ad 1).

O que é um tomista?

auctores senserint exponere conatur, ut in sano salventur sensu eorum verba.²⁵

Esse respeito livre ou, se quiser, essa liberdade respeitosa para com todos os homens pensadores, sem distinção de classes, nem de condições, nem sequer de religiões, fê-lo dar esses conselhos sapientíssimos: “Não olhes para quem ouvistes falar, mas tudo aquilo de bom que é dito, encomenda-o à memória”.²⁶ “Portanto, qualquer um deles que seja (trata-se de averiguar o verdadeiro pensamento de ninguém menos que o do divino Platão) não deve ser tratado com menos cuidado: pois o estudo da filosofia não se destina a saber o que os homens pensaram, mas sim qual seria a verdade das coisas”.²⁷ “Não toca à perfeição de meu intelecto, o que tu queres, ou o que tu conheces, mas sim ter conhecimento da verdade das coisas”.²⁸ “Ao acolher ou recusar as opiniões, o homem não deve ser movido pelo amor ou pelo ódio a quem introduziu a opinião, mas sim pela certeza da verdade. Por isso, diz [Aristóteles] que devemos amar ambos, ou seja, aqueles cuja opinião seguimos e aqueles cuja opinião repudiamos. Tanto um quanto outro colaboraram no esforço de investigação da verdade, e nisso nos auxiliaram. Contudo, é necessário que sejamos persuadidos pelas mais certas, isto é, seguir a opinião daqueles que alcançaram a verdade de modo mais certo”.²⁹ “A esse respeito, ou seja, sobre a alma, é necessário no presente tomar em consideração as opiniões dos antigos, quaisquer que sejam, e o que disseram sobre ela. E isso nos será útil de duas maneiras. Em primeiro lugar, porque aquilo que foi dito corretamente por eles, aceitá-lo-emos para o nosso auxílio. Em segundo lugar, porque

25) CAETANO. *Comm. in III*, q. 27, a. 4, ao final.

26) *Epistola ad Fr. Joannem, de modo acquirendi scientiam* (D. Thomae Aq., Doctoris Angelici et scholarum catholicarum patroni, monita et preces, p. 18. Ed. Thomas Esser, OP, Viennae, 1882). (No original, em latim: “Non respicias a quo audias, sed quidquid boni dicatur memoriae recommenda”).

27) *Comm. In De caelo*, I, l. 22, n. 8 (do original, em latim): “Quidquid autem horum sit non est nobis multum curandum: quia studium philosophiae non est ad hoc quod sciatur quid homines senserint, sed qualiter se habeat veritas rerum”.

28) *S. Th.*, I, q. 107, a. 2, co. (no original, em latim): “Non enim pertinet ad perfectionem intellectus mei, quid tu velis, vel quid tu intelligas, cognoscere, sed solum quid rei veritas habeat”.

29) *Sent. in Met.*, XII, l. 9, n. 14 (Marietti, n. 2566) (no original em latim): “In eligendis opinionibus vel repudiandis, non debet duci homo amore vel odio introducentis opinionem, sed magis ex certitudine veritatis, ideo dicit quod oportet amare utrosque, scilicet eos quorum opinionem sequimur, et eos quorum opinionem repudiamus. Utrique enim studuerunt ad inquirendam veritatem, et nos in hoc adiuverunt. Sed tamen oportet nos persuaderi a certioribus, idest sequi opinionem eorum, qui certius ad veritatem pervenerunt”.

tomaremos cuidado quanto ao que foi propagado errado”.³⁰ E em outra parte, diz que o homem deve “com solicitude, assiduidade e reverência” aplicar a sua atenção “nos ensinamentos dos mais velhos, não os negligenciando por preguiça, nem os desprezando por soberba”.³¹

Por isso, disse profundamente Caetano que, pelo respeito com que tinha tratado os Padres, adquiriu a sabedoria de todos eles juntos, e o mesmo podemos dizer que, pelo respeito com que examinou todos os filósofos, bebeu e excedeu a filosofia de todos eles:

Unde patet fundamentum Auctoris (S. Thomae) esse solidum, peripateticum et consonum non solum sibi, sed sacris Doctoribus, quos, quia summe veneratus est Auctor ideo intellectum omnium quodammodo sortitus est. Scriptum enim quod declaratio divinorum sermonum illuminat, et intellectum dat parvulis Dantibus ergo peram declarationi divinorum sermonum per Prophetas, Apostolos, Doctoresque sacros, lumen datur et intellectus, utpote parvulis in oculis suis et seipsos submittentibus illorum doctrinae.³²

Daí que a doutrina filosófica de São Tomás não é a filosofia de um só homem, mas a de toda a humanidade pensante, depurada e elevada até Deus e julgada a partir d’Ele,³³ e o mesmo se pode dizer a respeito de sua teologia: não é a teologia de um Doutor particular, mas sim a de todo o cristianismo, sistematizada e unificada em Deus, e animada pela própria divindade reveladora, que é seu objeto formal.³⁴

30) *Sent. De anima*, I, l. 2, n. 15 (no original em latim): “De qua, scilicet anima, intendentes ad praesens necesse est accipere opiniones antiquorum, quicumque sint qui aliquid enunciauerunt de ipsa. Et hoc quidem ad duo erit utile. Primo, quia illud quod bene dictum est ab eis, accipiemus in adiutorium nostrum. Secundo quia illud, quod male enunciatum est, cavebimus”.

31) *S. Th.* II-II, q. 49, a. 3, ad 2: “Sollicite, frequenter et reverenter documentis maiorum, non negligens ea propter ignaviam, nec contemnes propter superbiam”.

32) *Comm. in II-II*, q. 148, a. 4, ao final.

33) “C’était bien la raison – diz muito bem É. Gilson –, celle qui n’est ni ancienne, ni médiéval, ni moderne, mais la raison tour court qui déjà s’était mise à l’œuvre” (op. cit., t. II, p. 9). “Cum humanas scientias – acrescenta G. de Tocco –, quasi ancillas ad arcem Divinae Sapientiae in obsequium adduxisset, quas sacris sententiis concordaret, visus est humanas funditus intellixisse scientias, et summum gradum sui studii fixisse in Sapientia divinorum” (*Vita S. Thomae Aq.*, cap. 3, n. 15, p. 663, col. 2).

34) A respeito deste ponto, cf. Vicente Baronio, *Apolog.*, lib. I, sect. I, art. 2, Paris 1666, do qual Berthier, op. cit., p. lxi, cita um trecho interessante.

Nada estranho, portanto, que a sua doutrina tivesse tal influência, não somente em classe, entre seus discípulos, que ficavam eletrizados,³⁵ mas também entre seus contemporâneos e sucessores, que a ensinavam e propagavam por todas as partes, e dela se serviam em suas explicações e comentários,³⁶ a ponto de o famoso frei Egídio de Roma (ou Colonna) chegar a dizer que, se os Frades Pregadores quisessem, os demais ficariam na obscuridade e seriam uns idiotas apenas se fossem privados dos escritos de Frei Tomás.³⁷ E o Beato Tiago de Viterbo, arcebispo de Nápoles, disse a Bartolomeu de Cápua, segundo ele mesmo o refere, que:

Em seus escritos encontra-se uma comum verdade, uma comum clareza, uma comum iluminação, uma comum ordem e doutrina para penetrar rapidamente na inteligência perfeita. E disse a testemunha do mesmo Tiago que depois de ter degustado também a doçura de outros escritores, não quis mais ver outros escritos, a não ser os originais e escritos ditados pelo Frei Tomás. E este mesmo Frei Tiago sustentava e cria, conforme a palavra de muitos testemunhos familiares, que as coisas que o Frei Tomás escreveu eram mais oriundas de uma cogitação espiritual por iluminação do Espírito Santo do que adquiridas pelo esforço humano.³⁸

E não somente os sábios de profissão, mas até os ignorantes e pouco capazes disputavam a posse de suas obras, tão acessíveis e acomodadas à sua débil inteligência: “Qualquer um, conforme a medida de sua inteligência

35) “Scholares plus ceteris ad amorem scientiae provocabat” (GUILLELMUS DE TOCCO, loc. cit., p. 663, col. 2). “Cum coepisset legere et disputare, tanta multitudo scholarium eius scholam intrahat, ut vix eos locus scholarum caperet, quos tanti Magistri doctrina traheret et ad proficiendi studium provocaret. Sub cuius Doctoris lucida et aperta doctrina floruerunt quamplures Magistri religiosi et saeculares, propter modum docendi compendiosum, apertum et facilem” (ibid., cap. 4, n. 18, p. 665, col. 1).

36) “Est enim omnibus manifestum, quod in toto mundo inter fideles catholicos in Philosophia et Theologia in omnibus scholis nihil aliud legitur quam quod de eius scriptis hauritur” (ibid., cap. 3, n. 17, p. 464, col. 2, ao final).

37) Assim se refere Bartolomeu de Cápua, tendo ouvido falar do Beato Tiago de Viterbo, a quem lhe foi repetido diversas vezes em Paris Egídio Romano (*Processus de Vita S. Thomae Aq.*, cap. 9, n. 83, p. 714, col. 1, ao final).

38) Referência da mesma testemunha, amigo íntimo do beato (*loc. cit.*). O culto imemorial deste insigne agostiniano foi reconhecido e aprovado recentemente pela Santa Sé (cf. AAS, 1911, 319-320). No original, citado em latim: “In scriptis ipsius communis veritas invenitur, communis claritas, communis illuminatio; communis ordo, et doctrina cito perveniendi ad perfectam intelligentiam: et dixit idem F. Jacobus ipsi testi quod, postquam gustavit dulcedinem eorumdem scriptorum, numquam voluit videre alia scripta, nisi originalia et scripta dicti Fr. Thomae: et tenebat ac credebat idem frater Jacobus, sicut pluries dixit familiariter dicto testi, quod ea quae scripsit Fr. Thomas erant potius ex cogitatione spirituali per illuminationem Spiritus Sancti quam per humanum ingenium acquisita”.

ou de sua capacidade, pode facilmente obter fruto de seus escritos. E é por isso que os leigos e os pouco inteligentes buscam e desejam ter os próprios escritos dele”.³⁹

Mas, ao mesmo tempo, essa originalidade e influência da doutrina de São Tomás não podia deixar de provocar uma oposição violenta entre os partidários do tradicionalismo rotineiro, e de fato, tal ocorreu em Paris e em Oxford, até proceder à condenação de um elenco de proposições tomistas. Sabe-se que o octogenário Alberto Magno se apresentou em Paris, fazendo tão longa e tão pesada viagem, para defender a posição de seu discípulo predileto. A respeito dessa contenda, diz Egídio Romano, segundo faz referência Guilherme de Tocco:

Certo mestre da ordem dos eremitas [de Santo Agostinho], Frei Egídio, que mais tarde foi arcebispo de Bourges, o qual durante treze anos teve aulas com este mestre, disse a respeito do referido doutor, debochando da incapacidade de seus censuradores: Nisso é admirável e digno de memória o Frei Tomás de Aquino, tal foi a manifestação de sua sutilidade de inteligência e certeza de juízo, que as teses novas e os argumentos que escreveu enquanto bacharel não mudaram, com poucas exceções, quando se tornou mestre, seja em sua docência, seja em seu escritos. Nós, dos tempos modernos, pelo contrário, como somos incertos e duvidosos nos juízos, mudamos as opiniões que tivemos num tempo, pela arguição, em contrário, de um argumento moderado. É por isso também que estes, ao examinar os escritos, não os julgam de modo inteligente, mas trabalham apenas pelo estímulo da inveja. E, como moscas, dirigem-se para a luz, enquanto criticam aquilo que não conhecem, e se obscurecem pela luz, porquanto não precebem bem a verdade por eles ignorada.⁴⁰

39) BARTOLOMEU DE CÁPUA (loc. cit., p. 714, col. 2) (no original citado em latim): “Quilibet, secundum modulum suae cogitationis seu capacitatis, potest facile capere fructum ex scriptis eiusdem; et propterea, etiam laici et parum intelligentes quaerunt et appetunt ipsa scripta habere”.

40) GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, cap. 7, n. 41, p. 672, col. 1-2 (no original em latim): “Quidam Magister Eremitarum Fr. Aegidius, qui postmodum fuit Archiepiscopus Bituricensis, qui tredecim annis istum Magistrum audiverat, de praedicto Doctore dixit, deridendo insufficientiam correctorum: in hoc mirabili et digno memoria Fr. Thoma de Aquino fuit sui subtilitatis ingenii et certitudinis iudicii manifestum indicium, quod opiniones novas et rationes, quas scripsit Bacellarius, Magister effectus, paucis exceptis, nec docendo nec scribendo mutavit; nos autem moderni temporis, sicut incerti et dubii iudicii, opiniones, quas aliquando tenuimus, in contrarium arguti modico argumento mutamus. Unde et hi, qui scripta examinant, non intelligentes quae iudicant, solius invidiae stimulatione laborant, et in lucem muscae insiliunt, dum, quod arguunt, non cognoscunt, et tenebrescunt ex lumine, dum de ignota eis non bene sentiunt veritate”.

É próprio dos homens privilegiados ter firmeza e maturidade de juízo, de sorte que, quanto mais talento possuam, tanto menos evoluem e mudam de doutrina, dentro, é claro, das condições gerais do entendimento humano, às quais todo homem está submetido.

O homem de gênio e de laboriosidade incansável observa por todos os lados, e desde os seus primeiros princípios, qualquer problema que lhe seja apresentado, procurando esgotar a matéria, como se costuma dizer, e por isso é muito difícil que lhe escape algo de substancial.

Pois esta maturidade e firmeza de juízo, juntamente com sua companheira inseparável, que é a plenitude e homogeneidade de doutrina, as possuía o Doutor de Aquino em grau eminente, segundo evidenciam com insistência seus contemporâneos e biógrafos;⁴¹ algo que não é de admirar, dado o seu gênio penetrante, a sua imensa erudição e a sua pasmosa laboriosidade. Por isso, são muito poucas as questões, e estas muito secundárias, nas quais mudou de opinião, não obstante tenha começado a escrever desde muito jovem e tenha tido uma atividade literária que tange no inacreditável. Em pouco mais de vinte anos, escreveu 891 lições sobre os livros de Aristóteles, 803 lições sobre as Sagradas Escrituras, 850 capítulos sobre os Evangelhos na *Catena Aurea*, 221 sermões, 463 capítulos na *Suma contra os gentios*, 2931 artigos sobre o Mestre das Sentenças, uns 1200 capítulos em múltiplos opúsculos de índole diversa, 260 artigos nos *Quodlibeta*, 510 artigos nas *Questões disputadas* e 2652 artigos na *Summa Theologiae*, com a solução de mais de 10 mil argumentos. Um escritor muito competente na bibliografia tomista, depois de enumerar as obras saídas da pluma de São Tomás entre 1267 e 1271, acrescenta:

Em três anos e alguns meses, Tomás escreveu o equivalente a mais de quatro mil páginas em um livro in-quarto, e com duas colunas da última edição completa de suas obras (Paris, Vives). Isso ultrapassaria notavelmente o conteúdo de vinte volumes de nossas edições modernas de 350 páginas. Quando se pensa nos esforços de erudição e, mais ainda, na poderosa concentração de pensamento exigida por uma série inumerável de problemas difíceis, levantados e resolvidos um atrás do outro, a imaginação é tomada de admiração ou, quase que se poderia dizer, de uma vertigem.⁴²

41) *Ibid.*, loc. cit.: “Opiniones et rationes, quas adhuc Baccelarius adinvenit, paucis exceptus, Magister effectus scripsit, tenuit et defendit”.

42) MANDONNET, Pierre. Paris et les grandes luttes doctrinales (1269-1272). *Revue des Jeunes*, 10 mars 1920, p. 522. No original de Ramirez em francês: “En trois années et quelques mois, Thomas a écrit l'équivalent de plus de quatre mille pages in 4.o et à deux colonnes de la dernière édition complète

E conta que São Tomás não escrevia improvisando, nem de modo irrefletido, como alguns o imaginam, mas submetia seus manuscritos a três ou quatro correções, conforme se vê por seus autógrafos a respeito do terceiro livro das *Sentenças* e da *Suma contra os gentios*, que se conservam na Biblioteca Vaticana. Confesso que não há ocasião em que São Tomás me parece maior do que quando o vejo corrigir seus manuscritos como um escritor qualquer, e compreendo a exatidão com que falam os testemunhos do processo de canonização quando dizem a uma só voz: “Além das horas de descanso natural (o que, em outro lugar, dizem que o fazia *perfunctorie* e como por cumprir, nada mais), sempre se ocupava em fazer leituras, escrever, rezar ou pregar”.⁴³

O que acabamos de dizer sobre sua firmeza e maturidade de juízo, e a unidade homogênea de sua doutrina desde seus primeiros anos, é de suma importância considerar quando se trata de interpretar o Santo Doutor, para não cair numa espécie de psicologismo ou antropomorfismo inferior, em que incorrem não poucos contemporâneos, medindo a psicologia de São Tomás pela sua própria e acreditando que mudou, perfilou e completou uma infinidade de coisas, sem advertir que a principal razão para sintetizar e simplificar certas doutrinas deve ser procurada mais na finalidade das várias obras do que na evolução mental do autor.

É, sem dúvida, um evidente excesso crer que São Tomás foi como Deus ou como um anjo verdadeiro, que aprendeu desde o primeiro momento e num só golpe de vista tudo quanto sabia ao descer ao sepulcro, estando ele todo o resto de sua vida de braços cruzados e observando o Sol. Nisso já ninguém acredita, porque é demasiadamente absurdo. Mas não é menos excessivo o extremo oposto, consistente em crer – ao menos na prática – que em São Tomás não há nada de singular, senão que ele progrediu paulatinamente e foi abandonando os moldes antigos como qualquer outro de inteligência medíocre, como se não tivesse abarcado, desde um princípio, o conjunto de seu sistema e não tivesse intuído e afiançado plenamente suas bases. Confesso francamente que eu não

de ses œuvres (Paris, Vives). Cela dépasserait notablement le contenu de vingt volumes de nos éditions modernes à 350 pages. Quand on songe aux efforts d'érudition et plus encore à la puissante concentration de pensée exigée par une suite innombrable de problèmes difficiles, tour à tour soulevés et résolus, l'imagination est prise d'étonnement, on pourrait presque dire de vertige”.

43) Testemunho de CONRADO DE SUESSA (*Processus...*, cap. 5, n. 47, p. 701, col. 1) (no original em latim): “Praeter naturalis quietis horas, semper vacabat aut lectioni, aut scripturis, aut orationi, aut praedicationi”. O mesmo repetem todos, acrescentando que *não perdia um só instante de tempo*.

posso me persuadir disso, porque basta abrir qualquer uma de suas obras para perceber em seguida o desmentido. Que me dispensem os modernos críticos psicólogos de fora e de dentro de nosso campo, que tomam essa lei por uma coisa indiscutível e fora de toda dúvida: eu não a vejo aplicada em São Tomás; nem sequer em mim mesmo, apesar de minha pobreza intelectual. Se o Santo Doutor não fosse tão humilde, protestaria energeticamente contra essa interpretação que o rebaixa tanto.

É certo que São Tomás é mais abundante e complexo nos *Sentenciários* do que na *Suma Teológica*, na qual é mais breve e simples, mas é preciso advertir que a *Suma* é uma obra de texto destinada a principiantes, onde se deve evitar toda prolixidade e complicação; leia-se simplesmente o seu prólogo e se explicará perfeitamente essa diferença. Ou vamos dizer que o espírito do Angélico esteve em letargo desde que escreveu os *Sentenciários*, até que redigiu certas *Questões disputadas*, contemporâneas a algumas partes da *Suma*, onde se encontra a mesma amplitude de exposição, e que de repente despertou e deu um salto imenso ao escrever a *Suma Teológica*? Não escrevemos nós mesmos, com maior ou menor amplitude e complexidade, as mesmas ideias, de acordo com as pessoas às quais as destinamos? Que houve evolução mental em São Tomás, não cabe dúvida, nem foi esse um descobrimento moderno, pois o advertiu e explorou repetidas vezes o Cardeal Caetano em seus famosos comentários à *Suma*; mas é necessário não exagerar essa nota e explicar o fenômeno de certas mudanças, ou melhor, omissões, mais pelo caráter e *finalidade* de suas distintas obras que pelo desenvolvimento subjetivo de seu espírito. Não nos ensina repetidas vezes o Santo Doutor que *finis est causa causarum*? Não esqueçamos que o *sujeito* tem razão de causa *material*, para que não caiamos no *materialismo tomista*, resolvendo suas doutrinas numa evolução *subjetiva* ou *psicológica*; isto encontrará mais simpatia no público moderno por sua aparente facilidade, mas um filósofo pensador tomista não pode contentar-se com essa superficialidade.

Mas o Santo Doutor não se contentava em buscar a Deus com a inteligência, por meio do estudo, buscava-O também com a vontade inflamada pela oração; porque São Tomás não era um intelectualista seco e árido, nem tampouco um místico sentimental, mas um espírito sumamente equilibrado em seu entendimento e em sua vontade. Sobre este ponto merecem ser ouvidos seus biógrafos.

Porque acontecia com frequência – diz Guilherme de Tocco – que, enquanto o intelecto especulava sobre as sutilezas mais altas, o afeto inferior o remetia à devoção; era comum que o nosso Doutor, para excitar a devoção, lesse para si mesmo uma lição das *Colações dos Padres*, qualquer dia que fosse. Perguntado, pois, porque se dedicava à leitura, ao mesmo tempo que deixava de praticar a especulação, respondeu: “Eu com esta leitura concentro-me na devoção pela qual mais facilmente elevo-me para a especulação, para que assim o afeto tenha onde se possa difundir na devoção e para que o intelecto, por tais méritos, possa ascender para ainda mais alto”.⁴⁴

Em suas dúvidas e apuros, sabe-se que acudia à oração e ao jejum;⁴⁵ e a sua ternura aparece manifestamente em suas lágrimas derramadas durante o canto das *Completas* e ao celebrar a santa Missa.

Ademais, era visto com frequência, quando cantava aquele versículo das *Completas* do tempo de Quaresma: “Não nos rejeitais no tempo da velhice, ao esmorecer a nossa força...” (Sl 70, 9), como que em êxtase e absorto em oração, e derramando muitas lágrimas, que dos olhos se viam sair de sua alma piedosa.⁴⁶

O próprio Frei Tomás foi um homem de uma vida santa, de um convívio honesto, de grande castidade, de abstinência e sobriedade na comida e na bebida; um homem que se ocupava de orações, jejuns e de estudos, e nas suas orações derramava lágrimas. Ele foi também um homem de grande caridade, compaixão e humildade, de devoção e de sabedoria em relação a Deus e ao próximo. Perguntado qual a causa de sua ciência, ele disse que viu o próprio Frei Tomás e foi conversar com ele e enquanto isso o servia, viu-o celebrar e derramar lágrimas perto da comunhão. Perguntado quanto tempo conheceu o referido Frei Tomás antes de seu falecimento, respondeu que por quatro anos, mais ou menos. Perguntado se, do mesmo modo que o conheceu, ele continuara a levar a referida santa vida e conduta até a morte,

44) GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, cap. 4. n. 22, p. 667, col. I (latim, no original): “Quia frequenter contigit quod, dum intellectus superius subtilia speculatur, affectus inferius a devotione remittitur, praedictus Doctor ad excitandam devotionem die quolibet legere unam lectionem sibi de Patrum Collationibus solitus erat. Interrogatus autem cur lectioni huic intentus, interdum speculari dimitteret, respondit: Ego in hac lectionem colligo, ex qua facilius in speculationem consurgo, ut sic affectus habeat unde se in devotionem diffundat, ut intellectus ex hujus merito ad altiora ascendat”.

45) *Ibid.*, cap. 6. n. 32, p. 670, col. I.

46) *Ibid.*, cap. 6. n. 30, p. 669, col. II (citado em latim): “Visus fuit etiam frequenter, cum cantaretur ille versus in Completorio quadragesimali tempore: Ne projicias nos in tempore senectutis, cum defecerit virtus nostra... (Sl 70, 9), quasi raptus et in oratione absorptus multis perfundi lacrymis, quas de oculis videbatur educere piae mentis”.

O que é um tomista?

respondeu que sim. Perguntado de que modo ele sabia, respondeu como acima.⁴⁷

Quer dizer, porque o viu com seus próprios olhos. Em São Tomás não é possível separar sua oração de seu estudo, como não é possível separar sua sabedoria de sua santidade, pois, santificando-se, fez-se sábio, e estudando, santificou-se; nele não se explica sua ciência sem sua oração, nem tampouco sua oração sem sua ciência. Por isso, disse Frei Reginaldo de Piperno, seu companheiro íntimo e inseparável, que:

Via-se que na alma dele o intelecto e o afeto se ligavam um ao outro como potências livres; assim ambas se serviam mutuamente nas suas ações como se tivessem o posto mais alto: assim como o afeto orando pudesse penetrar nas coisas divinas, assim o intelecto, por seu mérito, pudesse compreender ainda mais algo do que intuisse, o qual ardendo de amor alcançasse pela luz.⁴⁸

E Guilherme de Tocco bem adverte que “ele não poderia ter obtido tanta ciência de Deus, se antes, durante a vida, não tivesse aprendido dele a doutrina da humildade”.⁴⁹ Realmente, São Tomás, em suas instruções a Frei João, para tirar proveito do estudo, que todos nós conhecemos, se retratou; o melhor comentário a essa epístola é a própria vida de quem a escreveu. Ele mesmo sintetizou todo o segredo de sua grandeza nestas frases lapidares: “O que nos

47) Testemunha de Fr. Octaviano de Babuco, monje de *Fossanova (Processus...*, cap. 2, n. 15, p. 691, col. I). O mesmo referem outras testemunhas. No original em latim: “Videbatur in ejus anima intellectus et affectus sicut invicem se comprehendunt ut potentiae liberae; sic invicem sibi subserviebant in suis actionibus ut supremae: ut affectus orando mereretur ad divina ingredi, et intellectus hujus merito intueri quae altius intelligeret, quo luce caperet amore flagraret”. No original citado em latim: “Ipse Fr. Thomas fuit homo sanctae vitae, conversationis honestae, magnae castitatis, abstinentiae et sobrietatis in cibo et potu, et homo vacans orationibus, jejuniis et studiis, et in suis orationibus fundebat lacrymas; et quod fuit homo magnae caritatis, compassionis et humilitatis, devotionis et sapientiae erga Deum et proximum. Interrogatus in causa scientiae, dixit quod ipse vidit ipsum Fratrem Thomam et conversatus fuit cum eo et servivit ei interdum, et vidit eum celebrantem et lacrymatem circa communionem. Interrogatus quanto tempore cognovit dictum Fr. Thomam ante ejus obitum, dixit quod per annos quatuor vel circa... Interrogatus, si cognovit eum sic ipsum continuasse dictam sanctam vitam et conversationem usque ad mortem, dixit quod sic. Interrogatus quomodo scit, dixit ut superius”.

48) Palavras de Fr. Reginaldo de Piperno, amigo e confidente de São Tomás, apud GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, cap. 5, n. 25, p. 668, col. I (no original em latim): “videbatur in ejus anima intellectus et affectus si ut invicem se comprehendunt ut potentiae liberae; sic invicem sibi subserviebant in suis actionibus ut supremae: ut affectus orando mereretur ad divina ingredi. et intellectus hujus merito intueri quae altius intelligeret, quo affectus ardentius in id, quod luce caperet, amore flagraret”.

49) *Ibid.*, cap. 5, n. 25, p. 668, col. I (no original citado em latim): “non potuisset a Deo tantam habere scientiam, nisi vivendo prius didicisset ejus humilitatem doctrinam”.

é retirado ao cantar o ofício, deve ser compensado por nós pelo trabalho de escrever”.⁵⁰

Se é lícito expressarmo-nos assim, São Tomás é um caso típico e concreto da união e da harmonia entre a razão e a fé, entre a santidade e a ciência, entre a Filosofia e a Teologia. *Ele mesmo é a encarnação nata de seu próprio sistema*; por isso, *o primeiro tomista e o tipo do tomismo puro e íntegro é o próprio São Tomás em pessoa.*

Sintetizemos esta exposição, já demasiado extensa, nos seguintes pontos:

1.^o São Tomás é um espírito *apaixonado pela verdade em todas as suas manifestações*: em primeiro lugar, da Verdade subsistente e pessoal, que é o Verbo de Deus; depois, de toda verdade derivada desse Verbo, seja como impressão direta na revelação cristã, seja como reluzimento nas obras da criação e nos filósofos, que são seus leitores e intérpretes.

2.^o Desse amor intenso à verdade nasce *sua laboriosidade imensa*, que o leva a *buscá-la por todos os meios possíveis, sem descanso nem repouso*; ou seja, pelos sentidos e pela razão, pela leitura e pela meditação, pelo estudo e pela oração; numa palavra: *buscá-la com toda a sua alma, com todas as suas potências e com todas as suas forças*. Por isso, quando em 6 de dezembro de 1273 deixou de escrever e afastou seus instrumentos de escrita, ficando como que fora de si, arrebatado em Deus, Frei Reginaldo pensou que ele tinha ficado louco de tanto trabalhar.⁵¹

3.^o Desse mesmo amor se desprende sua *amplitude de critério e seu respeito e tolerância para com todos os pensadores*; porque em todos eles reverbera de algum modo a Verdade eterna, que “*illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*”⁵² (“ilumina todo homem que vem a esse mundo”); mas, precisamente porque busca, em primeiro lugar e sobretudo, a Verdade subsistente e pessoal, não a perde nunca de vista, senão que tende sempre a ver todas as verdades derivadas nessa Verdade única, que é por quem todo ser e toda verdade se fez, e por isso aspira, como seu *desideratum*, a surpreender

50) TOMÁS DE AQUINO, Santo. *De Substantiis separatis*, prólogo, ed. de Maria, t. III, p. 212: “Quod psallendi officio subtrahitur scribendi studio compensetur”.

51) *Processus de Vita S. Thomas*, cap. 9, n. 79, p. 712, col. 2, in fine: “Fratr Raynaldus timens ne propter nimium studium aliquam incurrisset amentiam...”

52) Citação de Jo 1,9. No original citado apenas em latim.

O que é um tomista?

o próprio plano divino pelo qual tudo foi criado, tanto na ordem da natureza como na da graça. Ele mesmo expressou magnificamente o que acabamos de dizer naquela oração que costumava repetir ao começar qualquer ato literário e ao pôr-se para estudar:

Criador inefável, que, dos tesouros de tua Sabedoria, designaste três hierarquias de anjos e as colocaste em uma ordem admirável acima do céu empíreo, além de que dispuseste com tanto esmero as partes do universo; tu, que és de fato verdadeiro e és chamado de fonte de luz e da sabedoria e princípio supereminente, digna-te infundir sobre as trevas de meu intelecto o raio de tua claridade, removendo de mim a dupla obscuridade na qual nasci, a saber, o pecado e a ignorância.

Tu, que tornas eloquente a língua das crianças, adestra a minha língua e infunde nos meus lábios a graça de tua bênção. Dá-me a agudeza para entender, a capacidade para reter, o método e a habilidade para aprender, a sutileza para interpretar, a graça copiosa para me expressar. Ensina-me no começo, dirige-me no progresso e leva a cabo o meu fim. Tu, que és verdadeiro Deus e homem, que vives e reinas pelos séculos dos séculos. Amém.⁵³

O espírito de São Tomás é como um espelho imenso, com duas faces sempre abertas – pedindo licença aos sábios pelo vulgar da comparação em favor da clareza –: uma para cima, para receber os raios diretos da Verdade Eterna, e outra para baixo, ou seja, para as criaturas, pensantes e não pensantes, para recolher em si todos os fulgores de verdade procedentes das irradiações indiretas ou oblíquas do Verbo de Deus; e assim, recolhidas num feixe comum com a luz diretamente recebida, projetá-las de novo sobre sua inteligência e seu coração, que se fundem em certo modo com o mesmo Verbo de Deus, *spirans Amorem*, como uma luz com outra luz e um amor com outro amor; e como sua alma é pura e transparente, por meio dela todos podem ver de algum modo os segredos do Verbo.

53) Apud *Monita et preces*, loc. cit., p. 60-61 (no original em latim): “Creator ineffabilis, qui de thesauris sapientiae tuae tres Angelorum hierarchias designasti et eas super coelum empyreum miro ordine collocasti, atque universi partes elegantissime disposuisti; tu, inquam, qui verus fons luminis et sapientiae diceris ac supereminens principium, infundere digneris super intellectus mei tenebras tuae radium claritas, duplicis in quibus natus cum a me removens tenebras, peccatum scilicet et ignorantiam. Tu, qui linguas infantium facis dissertas, linguam meam erudias atque in labiis meis gratiam tuae benedictionis infunde. Da mihi intelligendi acumen, retinendi capacitatem, addiscendi modum et facultatem, interpretandi subtilitatem, loquendi gratiam copiosam; ingressum instruas, progressum dirigas, egressum compleas; Tu, qui es verus Deus et homo, qui vivis et regnas in saecula saeculorum. Amen”.

Em São Tomás não há dualidade de vidas irredutíveis, uma especulativa e outra afetiva, senão que as duas, elevadas a uma perfeição sobre-humana, fundem-se e completam-se mutuamente, resultando uma só vida integral perfeitíssima, tal como a descreve belamente Clemente VI com estas palavras:

Como se evidencia quando se observa a sua vida, todos os seus membros eram como que exemplos de virtude. Donde se poder ler que nele se encontrava: simplicidade na sua visão, benignidade na sua face, humildade na sua audição, sobriedade em seu paladar, verdade na sua língua, suavidade no seu olfato, integridade em seu tato, piedade em suas vísceras, gravidade nos passos, honestidade em seu gesto, clareza no seu intelecto, bondade no seu afeto, santidade em sua alma, caridade em seu coração. Nele, o aspecto do corpo foi uma imagem da alma e um símbolo de sua probidade.⁵⁴

4.º Segue-se daí que o espírito de São Tomás é um *espírito universalista e magnânimo*,⁵⁵ não pequeno nem singularista; mas, ao mesmo tempo e sobretudo, é um espírito eminentemente sintético e profundo, penetrante até as últimas raízes das coisas, como o próprio Verbo que cria o ser e vê todas as coisas no Ser subsistente, fonte de todo ser.

5.º Em uma palavra: a ideia fixa do espírito de São Tomás é o Verbo de Deus, de quem teve a sorte de escutar: “Tomás, escreveste bem a meu respeito. Qual será então a recompensa que receberás?” São Tomás não vacila em responder, porque tinha feito a escolha desde muito pequeno: “Nada além de Ti, ó Senhor”.⁵⁶ Do Verbo extraía todo seu saber como de sua primeira fonte, e sobre o Verbo fundou toda sua ciência como sobre seu primeiro princípio; por isso, sua doutrina é eterna como o Verbo, e inabalável e verdadeira como Ele. Nada de estranho, por conseguinte, que seus biógrafos lhe chamassem de

54) Apud BERTHIER, op. cit., p. 57-58: “Sicut patet ejus vitam intuenti, quasi omnia membra sua erant quaedam exempla virtutis. Unde legebatur in ejus visu simplicitas, in ejus vultu benignitas, in ejus auditu humilitas, in ejus gustu sobrietas, in ejus lingua veritas, in ejus odoratu suavitas, in ejus tactu integras, in ejus visceribus pietas, in ejus incessu gravitas, in ejus gestu honestas, in ejus intellectu claritas, in ejus affectu bonitas, in ejus mente sanctitas, in ejus corde caritas; sed in eo species corporis simulacrum fuit mentis figuraque probitatis”.

55) Guilherme de Tocco faz ressaltar a magnanimidade de São Tomás, precisamente ao tratar de sua profunda humildade, que encerra um sentido muito profundo e muito verdadeiro: “Quasi vere humilis, qui sui contemptum magnanimus contemnebat, quietus mente et vere tranquilluss...” (*Vita...*, cap. 5, n. 27, p. 668, col. 2).

56) GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, cap. 6. n. 35, p. 671, col. I: “Bene scripsisti de me, Thoma. Quam ergo mercedem accipies? Non aliam, nisi Te, Domine!”.

órgão do Verbo,⁵⁷ e que a Igreja o honre com o título de *Doctor Veritatis*. E se compreende perfeitamente como Urbano V pôde dizer com verdade estas palavras estupendas: “Não temo os hereges, nem as suas pululações, se esta Ordem (dos Pregadores) continuar a existir”.⁵⁸ A razão é que a Ordem de Pregadores durará tanto quanto São Tomás, de cuja doutrina não se separou jamais em nada, segundo frase do Papa Bento XV: “A esta ordem deve se dar louvores não tanto por ter gerado o Doutor Angélico, mas sim por jamais ter abandonado sequer uma fimbria de seu ensinamento”.⁵⁹

2. Qual deve ser o “espírito” de um verdadeiro tomista?

Visto o espírito de São Tomás em si mesmo, não será difícil saber o que seja um tomista. Será, pois, um tomista *aquele que tem ou aspira a ter por inteiro o espírito de São Tomás, não de um modo qualquer, senão tal como o entende a Igreja*.

Pois bem, a Igreja, pela boca de seus Pontífices, quer que sigamos a doutrina e o método de São Tomás como verdadeiros e católicos, e que procuremos com todas as nossas forças ampliá-los e propagá-los. “Pelo teor das presentes vos impomos, como disse, que sigais a doutrina do Beato Tomás como verídica e católica, bem como que a estudeis com todas as forças para ampliá-la”.⁶⁰

Entretanto, não é possível *ampliar* essa doutrina sem compreendê-la profundamente, segundo seu próprio espírito, para o que é necessário possuir o espírito do Santo Doutor pela simples razão de que um só deve ser o espírito do texto e o do seu comentário. Esse espírito, conforme dissemos anteriormente, é um espírito de amplitude e de síntese, de universalidade e de ordem, de multiplicidade e de unidade. Por isso, o caminho mais curto e mais seguro para entender *formalmente* a doutrina do Angélico é penetrando a sua

57) Ibid.

58) RAYMUNDUS HUGONIS. *Historia translationis S. Thomae Aquinatis*, apud BOLLANDIANOS. *Ibid.*, cap. 2, p. 729, col. I: “Non timeo haereses, nec earum pullulationes, isto Ordine (Praedicatorum) perdurante”.

59) *Epístola para o Geral da Ordem dos Pregadores*, 29 de out. de 1916 (AAS 1916, p. 397): “Huic ordini laudi dandum est, non tam quod Angelicum Doctorem aluerit, quam quod nunquam postea, ne latum quidem unguem, ab ejus disciplina discesserit”.

60) URBANO V. *Bula à Universidade de Tolosa*, 31 de ago. de 1368, apud Berthier, *op. et loc. cit.*, p. 64: “Tenore praesentium vobis injungimus, ut dicti B. Thomae doctrinam tanquam veridicam et catholicam sectemini, eamque studeatis totis viribus ampliari”.

ordem e a sua contextura, conforme ensinou João de São Tomás, reconhecido por todos como um dos melhores tomistas, nos seguintes termos:

Grande hoc ministerium sternendi *per ordinem* lapides istos coelestis sapientiae, etsi per multos Sanctorum Patrum ac Doctorum Ecclesiae labores procuratum sit, felix tamen illius consummatio Divo Thomae Aquinatis inter omnes divina Providentia reservata est; ipse enim in hac Theologiae Summa ita universam theologiam, non sine infusione coelesti, in ordinem redegit, ita admirabili dispositione stravit lapides istos desiderabilis, ut *nihil sapientius, nihil congruentius, nihil ordinatius potuerit excogitari...* Quare *principalior et efficacior via ad indagandam percipiendamque Angelici Doctoris mentem in tam admirabili Theologiae aedificio est illa, si prius attente disquiramus ordinem quem in tractanda et disponenda ista Summa observavit ab una quaestione ad aliam et ab una materia ad aliam quasi aureis quibusdam nexibus discurrens. Nec enim Sapientis aut Doctoris nomen jure meretur qui scientiae, quam addiscit, ordinem ignorat.*⁶¹

A amplitude do espírito tomista exige que o tomista estude de tudo e, se possível, em suas próprias fontes, imitando o Santo Doutor. Deve, portanto, conhecer a fundo a Sagrada Escritura e estar ciente dos avanços exegéticos dos últimos tempos; deve dominar todos os Padres da Igreja, em seu aspecto doutrinário e crítico, não com a superficialidade de um simples historiador, mas com a profundidade de um teólogo; deve estar familiarizado com todos os teólogos antigos e modernos, tanto os hostis a São Tomás quanto os seus defensores; deve conhecer muito bem a Filosofia antiga e a do seu tempo, a sã e a falsa, para aproveitar-se daquela e impugnar esta, bem como saber determinar com verdade e acerto os limites da fé e da razão; em suma, deve trabalhar para dominar tudo, a partir do Verbo de Deus, como São Tomás dominou toda a ciência de seu tempo, fazendo-a servir a Deus.

Claro está – e isso não precisa ser mencionado – que o tomista deve começar por se familiarizar com todas as obras do Santo Doutor, não as estudando apenas nos tempos livres ou consultando-as somente em casos de apuros, mas de maneira constante, *per se*. Começando desta forma, isso lhe poupará muito tempo e fará com que progrida mais rapidamente, pois, de

61) *Isagoge ad D. Thomae Theologiam: explicatio connexionis et ordinis totius Summae Theologicae D. Thomae per omnes materias*, em seu *Cursus Theologicus*. t. I, p. 85, ed. Lugduni 1663. O mesmo Santo Doutor traçou seu programa científico no início da *Summa contra Gentiles*. Cf. *SCG*, I, cap. I.

acordo com uma famosa frase do Papa João XXII, nas obras de São Tomás “mais aproveita o homem em um ano do que na doutrina dos outros durante todo o tempo de sua vida”.⁶²

Contudo, não basta se encerrar apenas em São Tomás e negar sistematicamente a todos os outros. O Angélico não nasceu por geração espontânea, mas foi incubado desde os tempos antigos, especialmente por Santo Agostinho e por Aristóteles, no tocante à sua forma sistemática; mas depende de todos, até mesmo de seus contemporâneos. Por isso, é impossível conhecer São Tomás em si mesmo, ignorando a tradição filosófica e teológica desde os primeiros tempos. Não construiu ele a sua grandiosa síntese tendo presente todo o pensamento humano?⁶³ As pedras desse grande edifício foram coletadas e polidas em grande parte por toda a humanidade, embora o arquiteto tenha sido São Tomás de Aquino.

Não é necessário meditar muito sobre as obras do Santo Doutor para logo notar a dificuldade de compreender muitas das questões e o perigo a que se expõe, de entendê-las em sentido inverso, quem não conhece, por exemplo, as teorias de Santo Agostinho ou de Aristóteles, e as doutrinas de Avicena e Averróis, para não falar senão dos mais famosos. E como São Tomás é tão impessoal, por ser tão universal, quem não teve experiência de resolver inúmeras dificuldades, apelando para outros autores contemporâneos mais pessoais, como o Beato Alberto Magno, São Boaventura e o Beato Inocêncio V (Pedro de Tarantásia)? Não é um tomista verdadeiro aquele que se contenta em ver a *Tabula aurea*, de Pedro de Bérghamo, e, em seguida, transcrever do *De libro in quinternium* os excertos paralelos de São Tomás lá anotados, justapondo-os entre si, e clamar finalmente, em alta voz, contra tudo o que não há de contido manifestamente ou contra aquele que teve a audácia de acrescentar um só “jota” à letra do Santo? Esse será um louco ou um fanático, mas não um tomista.

O tomismo não vive no papel, mas nas inteligências; e nas inteligências vive como alimento que deve ser assimilado e como germe que deve se desenvolver e dar frutos. Não vimos que o espírito do Santo Doutor era essencialmente assimilador e eminentemente transformador e criativo? É preciso ver quão grandes se apresentam Santo Agostinho e Aristóteles quando vistos com os

62) Palavras ditas em consistório, ao tratar de instruir o processo de canonização de São Tomás, apud GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita...*, cap. 13, n. 81, p. 682, col. I (no original, em latim): “Plus proficit homo uno anno quam in aliorum doctrina toto tempore vitae suae”.

63) A respeito desse ponto, pode-se ler o belo livro do Pe. PÈGUES, OP. *Initiation thomiste, première partie: Ce qui a préparé Saint Thomas*. Paris: Téqui, 1921.

óculos de São Tomás!... O tomista não deve transcrever, mas *ampliar* São Tomás, depurando e completando suas fontes, tateando e consolidando seus princípios, assimilando e aumentando suas doutrinas com os novos elementos assimiláveis fornecidos pelos seus sucessores até os nossos dias; e, uma vez feito tudo isso, aplicar o tomismo aos problemas de hoje, com a certeza do êxito. O tomista não deve se contentar apenas com São Tomás, nem tampouco com São Tomás e seus antecessores e contemporâneos juntos, e menos ainda deve ficar satisfeito com encomendar-se a um tomista de relativa fama; deve, isto sim, ler e meditar os tomistas rígidos e os moderados, bem como os teólogos e filósofos de outras escolas. Todos ilustram, todos ajudam, porque em todos há fragmentos de verdade.

Existem aqueles que seguem essa linha: João de São Tomás, os Salmanticenses, Gonet, por exemplo, eram homens de grandíssimo talento e devotaram toda a sua vida ao estudo de São Tomás, aproveitando-se, ao mesmo tempo, das elucubrações dos tomistas anteriores. Logo, posso confiar completamente em qualquer um deles e, sem mais, transformar-me instantaneamente num *tomista* castiço, bem armado, e capaz de lutar e vencer contra qualquer um que se apresente.

Que esses senhores me desculpem, pois creio que estão muito longe de ser verdadeiros tomistas. Esses teólogos – e muitos outros que poderiam ser citados, quiçá com mais justiça – eram, sem dúvida, sábios e pensadores, nunca suficientemente ponderados, e devemos reconhecer que mergulharam profundamente em São Tomás, a quem amavam com toda a alma. Mas isso não basta para confiar neles com os olhos fechados, pois é preciso ver se em *João de São Tomás*, por exemplo, é tudo de São Tomás, ou há *algo* também *de João*, que não seja do Santo Doutor, mas sim poeira levantada por lutadores de outros campos e adquirida nos caminhos de sua época. O mesmo deve ser dito dos Salmanticenses, de Gonet e de qualquer outro. De resto, que eles se aproveitaram das especulações dos tomistas anteriores, não há a menor dúvida; bem, para não mencionar outro além de Gonet, sabe-se que se *aproveitou* dos *manuscritos* de Godoy, e quando lhe faltou Godoy no *Tratado dos Sacramentos*, beneficiou-se dos *escritos* de Juan Martínez de Prado, a quem segue passo a passo até nas citações, como pode comprovar quem tenha o prazer de folheá-los simultaneamente.

Outros têm uma visão semelhante a respeito de Suárez, Molina, Vázquez ou Lugo. Eles acreditam que, citando São Tomás algumas vezes, talvez por causa das referências a que esses teólogos remetem, são tão tomistas quanto o mesmíssimo São Tomás, quando na verdade são suarezianos, molinistas ou

lugonianos, e às vezes nem isso, porque aqueles sapientísimos homens liam e estudavam outros que se chamavam tomistas, enquanto que estes não estão dispostos a fazer esse sacrifício.

A uns e a outros, pergunto: se São Tomás em pessoa vivesse hoje, ele iria ler e estudar Báñez, Soto, Nazario e outros mil chamados tomistas, não somente pelo que são em si mesmos, mas também – e principalmente – quando se tratasse de impugná-los? Da mesma forma: leria a Escoto, a Suárez, a Vázquez, a Molina e a inúmeros outros, que não se chamam tomistas, mas pretendem sê-lo, pelo menos *a posteriori*, ou seja, *post factum praecepti ecclesiastici de sequenda S. Thomae doctrina*, seja pelo que valem em si, seja pelo que impugnam ou para impugná-los?

A resposta não me parece duvidosa. Negar isso seria deitar por terra a amplitude de espírito que vimos em São Tomás, e até mesmo seu sincero amor à verdade, sem levar em conta pessoas ou escolas. O verdadeiro tomista deve estudar a todos em suas fontes e nunca falar com a máscara do outro, como vulgarmente se diz, porque se trata de coisas muito transcendentais, que são a verdade e a caridade, e até a justiça.

É necessário, então, que o verdadeiro tomista *amplie* o tomismo com todas as suas forças e faça-o crescer; mas com um crescimento homogêneo e por intussuscepção, não heterogêneo nem por justaposição. Por isso, é necessário digerir tudo o que vem de fora, não com medicamentos e artificialmente, mas com os sucos secretados pelo próprio tomismo, que são por si suficientemente poderosos para fazer fermentar e produzir a digestão de qualquer alimento, por mais forte que seja, desde que objetivamente assimilável. Mas aqui, como em todas as coisas, é necessário discernimento, para não acabar tomando alimentos insalubres que, em vez de dar forças, produzem vertigens, até que sejam expelidos por uma violenta reação: isso aconteceu com os tomistas que quiseram devorar os pratos preparados por Descartes, pelos tradicionalistas, pelos ontologistas e pelos modernistas. Tiveram somente dois caminhos: ou se deles desviavam, se tinham o estômago fraco ou comeram demais; ou vomitá-los, tendo que fazer dieta por um tempo, com o agravante de ter que se purgar repetidamente, e então fortificar-se com injeções de tomismo puro, até retomar a vida normal.

Mas também devemos nos resguardar do vício oposto, e não nos fechar em nós mesmos, sem querer tomar qualquer alimento, por medo de que nos envenenem. Tomemos, sim, as devidas precauções – e a Santa Sé apontou várias –; mas então é preciso nutrir-se bem, para ter vida abundante e perfeita,

advertindo sempre que o aproveitamento não está na proporção do que se come, mas sim do que se digere, conforme disse belamente Balmes.⁶⁴

João de São Tomás expressou magnificamente esse caráter do verdadeiro tomista com as seguintes palavras:

Qui vere et sincere se ejus discipulum profitetur, non solum sequitur eum aut convenit cum ipso *in conclusionibus* quas docet, *sed etiam rationes ejus non rejicit, sed explicare et declarare studet*, et, si quae loca videntur contraria, *concordare et exponere*. Hoc enim modo maxime procuratur *ampliatio* doctrinae D. Thomae. E contra vero, *non curare multum de rationibus D. Thomae, non de locis contrariis concordandis*, ac denique, *relictis locis ubi clare et expresse rem tractat, vindicare mentem D. Thomae ex aliquibus locis obscurioribus*, aut ubi obiter et per transennam de re aliqua agitur, *non est se discipulum D. Thomae exhibere*. Ratio est, quia, qui conclusiones D. Thomae acceptat, sed rationes respuit, *hoc ipso fatetur ipsum sine sufficienti fundamento et ratione docuisse, nec se exhibuisse Magistrum et Doctorem, quia non probavit quae dixit*. Quomodo ergo discipulus ejus erit qui rationes ejus contemnit, quomodo in Magistrum eum habebit et tamquam unum de primis et principibus Doctorum venerabitur, cujus rationes despicit? *Sine ratione autem non est scientia nec doctrina*; ergo *non vult in scientiae Magistrum habere quem non vult in rationibus quibus docet ipsum approbare*. Hoc autem non est *ampliare* doctrinam, est *de truncare et transmutare*; ergo non est verus sectator D. Thomae nec qualem Urbani V exhortatio admonitioque desiderat. Eleganter Vincentius Lyrinensis, lit. adversus haereses: *Ad profectum, inquit, pertinent ut in semetipsa unaquaeque res amplificetur, ad perturbationem vero ut aliquid ex alio in aliud transvertatur. Crescat igitur oportet et multum vehementerque proficiat tam singulorum quam omnium, tam unius hominis quam totius Ecclesiae aetatum ac saeculorum gradibus intelligentia, sapientia, scientia, sed in suo dumtaxat genere, in eodem sensu eademque sententia*. Et infra: *Fas est ut prisca illa coelestis philosophiae dogmata processu temporis excurentur, limentur, poliantur, sed nefas est ut detruncantur, ut mutilentur. Accipiant licet evidentiam, lucem distinctionem sed retineant necesse est penitendum, integritatem, proprietatem*.

Haec vellem sibi ante oculos proponerent omnes veri sectatores et discipuli D. Thomae, ut in scriptis disputationibus, in expositionibus, intendant in Sancti Doctoris placitis lucem distinctionemque afferre sed *retinendo semper ejus doctrinae plenitudinem, integritatem, proprietatem*. Si autem

64) *Filosofia Elemental, Lógica, sección VIII*. n. 399. 9. ed. Barcelona, 1905, p. 161.

ejus rationes non confirmantur sed deseruntur; si tantum perfunctorie de ejus mente sensuque explicando tractatur; si ea quae sibi contraria videntur, non concordantur, non enodantur, quomodo retinetur plenitudo, integritas proprietatesque doctrinae? Quod, si non retinetur, quomodo totis viribus studetur ejus *ampliati*oni, quomodo veri sectatores sunt qui hoc ministerium non implent?⁶⁵

Para entender adequadamente o tomismo, tal como São Tomás o concebeu, e ao mesmo tempo *ampliá-lo*, é necessário fazer simultaneamente um estudo de penetração e de comparação da doutrina tomista em São Tomás e em seus continuadores até os dias de hoje. Pela comparação com outros sistemas e doutrinas, veremos suas fontes, seus progressos e seus desvios através dos séculos, e assim abriremos o caminho para penetrar na alma ou forma *substancial* do tomismo puro.

Os tomistas antigos se preocupavam mais com a íntima penetração da doutrina em si mesma do que com a sua comparação: com isso, eles fizeram progredir não pouco as doutrinas de São Tomás; mas, às vezes, eles se deixaram levar pela rotina e pelo ergotismo, pela falta de realidade viva e de pensamento consciente, e até mesmo devido à falta de novos horizontes nos quais se expandir. Por isso, é frequente encontrar em muitos deles grandes quantidades de poeira e palha misturadas com o grão de boa qualidade.

O verdadeiro tomista deve reconhecer esse campo tão comum da especulação tomista de sete séculos, tomar um mangual⁶⁶ e joeirar essa preciosa colheita, para separar o grão da palha e deixar que o vento da crítica leve embora o pó. Deve, portanto, começar fazendo um trabalho de limpeza e de depuração.

Mas é necessário ser, ao mesmo tempo, justos com nossos ancestrais e reconhecer seus méritos. São Tomás de Aquino semeou um grão excelente e puríssimo no campo tomista, tão amplo e fecundo, e repetidas vezes a Santa Sé e a autoridade da Ordem dos Pregadores regaram esse campo com sábias

65) *Tractatus de approbatione et auctoritate doctrinae D. Thomae*, disp. 2, art. 5: “*Quae ad veram intelligentiam et discipulatum D. Thomae conducunt?*” (*Curs. et loc. cit.*, p. 179). Recomendamos com empenho a leitura deste tratado, onde magistralmente se resolvem as dificuldades que alguns opuseram à completa restauração do Tomismo e à sua introdução definitiva nas escolas católicas. “*Quomodo – diz um pouco antes – inter discipulos ejus (S. Thomae) numerari poterit, qui ad hoc conatur ut in aliquo defecisse S. Doctorem, aut indefensibilem doctrinam habuisse demonstretur?*”

66) Segundo o Dicionário Houaiss: “Instrumento com que se malham cereais para debulhá-los e que consiste em um pau comprido e fino (o mango), que serve de cabo, ligado por uma correia de couro (o içadouro) a um outro, curto e grosso (o pirtigo), que percute as hastes (de trigo, cevada etc.), as espigas (de milho) etc. espalhadas no chão, para retirar-lhes os grãos” (NT).

advertências, bem como arrancaram cardos que cresciam ao lado do trigo, com rigorosas disposições, enquanto os operários tomistas continuavam a trabalhar nele; assim, a messe cresceu e chegou a estação da colheita, e os tomistas clássicos a ceifaram e colheream com grande ardor e sacrifícios, em batalhas seculares, *portantes pondus diei et aestus* (carregando o peso do dia e do calor). É justo que deixemos esta preciosa colheita apodrecer pela simples razão que não está completamente limpa? O trabalho de limpeza e purificação não é mais curto e mais barato do que a remoção de ervas daninhas, a ceifa, a colheita e a debulha? Entendamos que, se não conhecermos esse grão, não teremos bom pão, e teremos falta de alimento saudável e nutritivo. Não troquemos esse trigo dourado pelo feno que cresce nas pradarias verdejantes da atualidade, que deleitam a vista com suas flores, e o olfato com seus aromas; mas não resistem ao calor de uma meditação profunda e prolongada, diante da qual murcham e secam. Não devemos permitir que o homem deixe o pão pelo feno, que é mais apropriado para outro tipo de animal.

Os tomistas de hoje – como tais entendo apenas os tomistas da moda ou *la dernière*, como dizem – estão mais preocupados, para não dizer quase que exclusivamente, com o estudo positivo de comparação, especialmente no que diz respeito ao ambiente em que o tomismo nasceu; e nisto – é justo admitir – verificaram-se grandes progressos, e contribuíram não pouco para que se conhecesse melhor o verdadeiro espírito tomista. Mas esse estudo, por si só, não é suficiente, nem pode suprir de forma alguma o estudo de penetração íntima, que é mais substancial no tomismo, por ser este essencialmente especulativo e universal e, portanto, bastante separado *a loco et tempore*.

Quando estamos diante de uma magnífica Catedral, o que mais nos interessa é ver o plano do artista maravilhosamente levado a cabo, contemplando-o à luz do sol em seu conjunto simétrico e em seus detalhes íntimos. E claro está que não terá alma de artista, nem compreenderá o valor intrínseco da obra, aquele que se dedica exclusivamente a descobrir quem foram os pedreiros que trabalharam nela, de que pedra extraíram a pedra, e até mesmo quais foram os bois ou burros que a arrastaram: todas essas miudezas são *curiosidades muito curiosas... para os curiosos*; mas não têm tanto interesse objetivo para o gênio, que nutre seu espírito com a forma das coisas e não com elementos puramente materiais, sem que por isso deixe de reconhecer que o conhecer esses detalhes minuciosos contribui em algo para apreciar melhor o valor artístico da obra.

Perdoem-me os leitores se emprego essa imagem, não muito elevada digamos, visto que há quem pense que toda a substância do tomismo nos

tempos atuais consiste em saber quais as cores dos burros que carregaram certas peças que se veem no edifício tomista, e dizem que são coisas de grande atualidade e que encontram profunda simpatia no público... Já é preciso humor e curiosidade e... *gosto artístico!*

Em todas as coisas existem exageros. Quando as ciências experimentais começaram a se desenvolver, não havia quem aturasse os que obtiveram os primeiros resultados: tão inchados e absolutos se mostravam, e tão depreciativos de todas as especulações anteriores! Esse é um fenômeno muito comum, devido à perpétua infância do homem.⁶⁷

Alguns acreditaram – e disseram muito seriamente, como quem diz uma grande verdade – que a questão da real distinção entre essência e existência nas criaturas dependia em absoluto das investigações históricas; algo assim como os que pensavam, há não muitos anos, que por meio de procedimentos, reações e decomposições químicas encontrariam a matéria-prima e a forma substancial, e que as mostrariam a quem quisesse vê-las, *como alguém que mostra um punho...* E conta-se que esses bons senhores *riram muito seriamente* daqueles antigos que procuravam ansiosos a *pedra filosofal!*...

Felizmente, nem todos são assim, e não é justo julgar as coisas pelos exageros de alguns exaltados. Ninguém poderá recordar, sem agradecimento e profundo respeito, os nomes de Denifle, Ehrle, Uccelli, Mandonnet, Pelzer, Grabmann, Miguel Asin e de outros tantos sapientíssimos homens que, graças às investigações e à paciência, conseguiram reproduzir ao vivo a cena medieval na qual o tomismo apareceu como verdadeiro protagonista. Nesse sentido, muitos estudos de valor inestimável estão sendo feitos, e até algumas obras inéditas daqueles pensadores medievais estão sendo publicadas; mas a maior parte ainda permanece sem publicação e, por conseguinte, inacessível para a maioria dos mortais, que não são especialistas no manuseio de manuscritos antigos. O dia em que se publicar toda essa literatura antiga, marcará uma nova época nos anais do tomismo, porque então poderá ser feito um estudo comparativo completo, não por aqueles que se entretêm contando as páginas do manuscrito, medindo o seu tamanho e admirando o seu tipo de letra, mas por aqueles que *leem dentro*, ou seja, por filósofos e teólogos de profissão, que julgam as coisas por seus princípios. Tal é o nosso desejo ardente, e também o dos especialistas nesse tipo de estudo, como o Dr. M. Grabmann, que diz belamente:

67) Sobre esta perpétua infância do homem, merece ser lido o que tão belamente diz BALMES, tão pouco criança entre as crianças, em seu *Critério*, § L, Barcelona, 1910, p. 236.

Utinam temporibus magis opportunis Corpus illorum thomistarum pristinorum ex latebris codicum manuscriptorum in lucem editionis prodire possit! In his operibus amor et pietas erga Doctorem Angelicum animos nostros commovet et inflammat. In prologis et initiis librorum, in marginibus codicum et alibi signa et notas amoris, qui in cordibus illorum discipulorum S. Thomae sedebat et qui usque adhuc et in posterum fratres Praedicatores accendit, invenire possumus.⁶⁸

Que alegria para nós se esses laboratórios medievais estivessem abertos ao público! Nós falaríamos então *de visu* e não de *ouvir falar*, como ainda acontece, infelizmente. Seria o ideal de unir o positivo com o especulativo, como a matéria com a forma e a potência com o ato; e teríamos o tomismo perfeito, como algo *unum per se*, isto é, substancial e subsistente.

Alguém nos dirá, quando acabar de ler o que dissemos, que tornamos impossível a existência de um tomista perfeito, porque ninguém pode, sozinho, tanta coisa. Quem é capaz de ler por si tudo o que foi escrito sobre cada questão? Quem tem tempo para ver por si mesmo as fontes históricas do tomismo, seguir seu desenvolvimento através dos séculos e depois submeter tudo a um exame pessoal e profundo, procurando enriquecer com novas joias o tesouro tomista?

É verdade: uma coisa é o ideal, outra é a realidade. Um só homem não pode, por si mesmo, abarcar tudo, mas deve trabalhar o máximo possível para se aproximar desse ideal.

Depois de um estudo conjunto, que todos nós podemos fazer, é necessário especializar-se e fazer monografias completas sobre pontos específicos, de acordo com todas as exigências do ideal tomista. É possível fazer isso e, a partir do conjunto dessas monografias bem elaboradas, sairá um tomismo completo, verdadeiramente *ampliado*. Por isso, se tornamos irrealizável *um tomista* absolutamente perfeito, tornamos, pelo contrário, muito possível *os tomistas* perfeitos *enquanto corporação*. Ademais, sabe-se que a ideia de *perfeito* é, de certa forma, relativa e admite uma infinidade de graus: quando falamos de um tomista perfeito, entendemos uma perfeição *humana*, de

68) *De Summae D. Thomae Aquinatis Theologicae studio in Ordine Fratrum Praedicatorum, jam saeculis XIII et XIV vigente, apud Miscellanea Dominicana in memoriam VII omni saecularis ab obitu S. Patris Dominici (1221-1921)*. Romae: F. Ferrari, 1923, p. 161.

acordo com a possibilidade de nossa natureza débil. Também não queremos dizer que o tomista perfeito leia e estude tudo, absolutamente tudo, até mesmo as *vulgaridades* de todos os livros, panfletos e artigos de *vulgarização*, que em nossos tempos são infinitos, mas nos referimos às obras magistrais e profundas.

Um ideal semelhante todos nós perseguimos, há muitos anos, na ordem da Filosofia e da Ciência, aspirando a que chegue o tempo em que os sábios sejam filósofos de profissão, e os filósofos, sábios de laboratório. Se não pudermos realizar plenamente esse ideal, não por isso deixaremos de ser verdadeiros sábios e verdadeiros filósofos, desde que façamos o possível, colocando todos os meios ao nosso alcance para atingi-lo, assim como é um bom religioso aquele que aspira na prática à perfeição cristã e não poupa meios ou sacrifícios para alcançá-la, embora de fato não a possua em toda a sua plenitude: *nemo bonus, nisi solus Deus*⁶⁹ (ninguém é bom a não ser apenas Deus).

O problema é que muitos, vendo essa dificuldade e querendo, no entanto, aparentarem ser tomistas perfeitos, contentam-se em *tomar* umas tantas noções de São Tomás, sem tê-las meditado e aprofundado bem, e depois recolher daqui e dali alguns fatos históricos, com uma ou outra observação crítica, e assim publicam com grande aparato e ao som de trompetes e tambores, os frutos de suas elucubrações, artigos um atrás do outro, e volumes um atrás de outro. Eles não leram pessoalmente as fontes históricas, nem seguiram o fio das ideias através dos tomistas de sete séculos – pois desprezam praticamente todos os que são chamados tomistas, como se fossem uns papagaios e repetidores de carretilha –; no máximo, limitam-se a citar dois, três ou meia dúzia, para fazer as pessoas acreditarem que leram os tomistas e que conhecem a tradição, e assim, com esses preparativos, descem à arena para lutar corpo a corpo contra os novos inimigos, fazendo o mundo se admirar com os seus conhecimentos e fazendo-o crer que têm um tomismo vital, aplicável e aplicado à solução dos problemas da atualidade.

Algo semelhante acontece em seu gênero com muitos homens sábios e com não poucos filósofos dos nossos tempos. Eles não têm paciência suficiente ou capacidade para fazer especulações profundas, ou desdenham rebaixar-se ao estudo consciencioso e detalhado de laboratório, e com esse espírito – que é a antítese do espírito de São Tomás, como vimos acima – põem a perder a causa da Filosofia e da Ciência, porque repelem, em vez de atrair, os

69) Citação de Mt 19,17 em latim no original.

especialistas de ambos os campos, os quais ou riem deles ou os desprezam. E quão abundante é, infelizmente, essa semente ruim!...

Não seria mal ter um pouco mais de humildade e confessar a própria ignorância, “como aquele entre os homens, que é superior quanto a uma coisa, é inferior quanto a outra”.⁷⁰ Por isso a solidariedade e o respeito mútuo são necessários entre os especulativos e os positivos, entre aqueles que meditam e os que experimentam, entre os que constroem e os que carregam, para que o resultado não seja uma Torre de Babel ao invés de uma catedral esplêndida; levando em conta, sem embargo, que é mais fácil baixar da especulação à experimentação ou à busca de documentos positivos, do que subir do laboratório à metafísica e do arquivo à Teologia.

Uma vez que se possuísse um tomismo perfeito e *ampliado*, seria fácil *propagá-lo e defendê-lo*, pois a melhor propaganda seria mostrar sua própria perfeição, e a melhor defesa, sua própria verdade. Mas há aqueles que se importam muito pouco com o primeiro e se concentram principalmente no segundo e no terceiro, que são mais úteis e mais *barulhentos*, querendo propagar e defender o tomismo com um grande número de palavras e com uma dose muito pequena de ideias. Aqueles que pensam e agem assim já estão julgados.

Ao chegar a este ponto, não faltarão leitores que digam: tudo isso que acabou de nos dizer pode acontecer; mas diga-nos, concretamente, quais são ou foram os verdadeiros tomistas, possuidores e imitadores do verdadeiro espírito de São Tomás.

Desculpem-me por eu não poder satisfazê-los: já disse, desde o começo, que prescindia pessoas e escolas, pois tratava-se de definir *o que é um tomista*, e é sabido *que as definições devem se abstrair* dos indivíduos e ser universais. Que cada um coloque a mão no peito e veja se é adequada a definição de tomista que demos.

Um escritor moderno acaba de dar, como característica da escola tomista (que chamam de *histórica*, em oposição a um tomismo *real*), entre outras coisas, a intolerância ou a estreiteza de visão e a exaltação, personificadas especialmente em Báñez.

Este não é o lugar para dirimir essa questão. É certo que, se fosse verdade o que disse o citado escritor, a escola tomista histórica permaneceria *ipso*

70) TOMÁS DE AQUINO, Santo. *SCG*, cap. 120 (no original, citado em latim): “Cum ille inter homines, qui superior est quantum ad unum, sit inferior quantum ad aliud”.

facto excluída do verdadeiro tomismo. Mas essas características são objetivas e históricas?

No que diz respeito à *intolerância*, o autor refere-se a um *estrangeiro*, que a *afirmou* há muitos anos, e é claro que uma afirmação mais outra, ainda que de um estrangeiro somada à de um espanhol, dão como resultado, em qualquer lugar do mundo, *duas afirmações*, nem mais nem menos. E conta que, *afirmando* essa *intolerância*, dão a entender que *não a toleram* e que, portanto, *os que fazem essas afirmações são uns intolerantes*, porque, como diz Balmes, *não é tolerante quem não tolera a intolerância*.⁷¹

Quanto ao exagero ou à exaltação da ortodoxia da doutrina de São Tomás, toma-se o cuidado de comprová-la, não pelas obras ou palavras dos representantes nascidos dessa escola, mas pelas palavras de um semiteólogo, semipregador, que não passou para a história a não ser para fazer essa comprovação, e é certo que deduzir a *característica* de toda uma corporação pela *cara* feia de um indivíduo raquítico a ela pertencente, não deixa de ser uma história muito curiosa, capaz de *caracterizar* por si mesma o historiador que a propôs. Certamente, se Sancho Pança soubesse disso, soltaria aquele famoso refrão: “É como o roto que se ri do esfarrapado, e o sujo do mal lavado”.⁷²

É o mesmo que eu querer provar a exaltação do espírito, como característica inconfundível da ínclita Companhia de Jesus, por tantos títulos respeitáveis e amáveis, porque certa vez ouvi alguns Exercícios Espirituais de um Reverendo Padre Jesuíta, que afirmou *categoricamente e com repetida insistência* que, sem fazer os Exercícios de Santo Inácio de Loyola, era *absolutamente impossível* se salvar. É evidente que se tratava do exagero de uma pessoa em particular, não de toda a Corporação, porque qualquer um se dá conta que, antes de Santo Inácio nascer e escrever seus *Exercícios*, muitos santos foram para o Céu, os quais certamente não fizeram os Exercícios Espirituais segundo o método inaciano, caso contrário seria preciso dizer que Santo Inácio não compôs esses *Exercícios*, uma consequência que não seria admitida por aquele bom padre, nem por nenhum outro da Companhia.

Por isso, é necessário ter calma e senso para afirmar certas coisas. Mas eu não quero fazer polêmica, para não faltar às nossas promessas do início.

71) *Pensamientos sobre Literatura, Filosofía, Política y Religión*. In: *La Sociedad*, t. IV. 5. ed. Barcelona, 1889, p. 305.

72) Extraído da tradução portuguesa contida em: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha*: segundo livro. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 783 (NT).

Sobre a excelência da doutrina tomista, já foi dito tanto, que é quase impossível elogiá-la mais. Não somos amigos de exageros nem de exclusivismos; aqueles que acreditam que nessas linhas mal traçadas exageramos a nota, que leiam os documentos papais de sete séculos, isto é, desde que São Tomás morreu até o presente, e digam que a Igreja tem tido sete séculos de exageros, pela boca de seus Pontífices. João XXII disse que “ninguém levaria a mal que este glorioso Doutor mais iluminou a Igreja do que todos os outros Doutores”,⁷³ e que “fizera tantos milagres quanto artigos escrevera”.⁷⁴ O Beato Tiago de Viterbo afirmava que “ninguém se atribua ou se inscreva saber algo plenamente na Sagrada Ciência, sem que siga e adira às doutrinas e aos escritos do Frei Tomás de Aquino, o qual abriu o caminho das inteligências para o conhecimento”.⁷⁵ E o Papa Pio X, o debelador do modernismo, sintetizou e expandiu toda a tradição tomista do pontificado romano quando disse: “Se alguma vez nós ou nossos antecessores temos aprovado com particulares louvores a doutrina de um autor ou de um Santo, se ademais temos aconselhado que se divulgue e se defenda esta doutrina, é porque foi comprovado que está de acordo com os princípios do Aquinate ou que não os contradiz em absoluto”.⁷⁶ Mais não pode ser dito.

Aspiremos, então, segundo os desejos da Igreja, a ser tomistas integrais e perfeitos, na vida e na doutrina: se em São Tomás não se pode separar o santo do sábio, tampouco devem ser separados nos tomistas. Tendo estes desejos e aspirações, rezaremos com espírito e com verdade a oração da Igreja na festa do seu Doutor, que contém a síntese de todo o presente artigo:

1) Ó Deus, que à vossa Igreja, por meio do Bem-aventurado Tomás vosso confessor e doutor:

- a) Clarificais com admirável erudição
- b) E fecundais com a santa operação.

73) Palavras pronunciadas no Consistório citado mais acima, apud GUILLELMUS DE TOCCO. *Vita*, cap. 13, n. 81, p. 682, col. I (no original em latim): “nullus haberet pro malo quod iste gloriosus Doctor plus illuminavit Ecclesiam quam omnes alii Doctores”.

74) Apud BERTHIER, op. cit., p. 50 (no original em latim): “tot fecerat miracula quot scripserat articulos”.

75) *Processus de Vita S. Thomae Aq.*, cap. 2, n. 6 (loc. cit., p. 688) (no original em latim): “nulli sibi attribuant vel adscribant in Sacra Scientia aliquid plene scire, nisi qui sequuntur et inhaerent scientiae et scriptis Fr. Thomae de Aquino, qui viam aperuit intelligentibus ad sciendum”.

76) Motu proprio *Doctoris Angelici*, die 29 junii, 1914 (AAS 1914, p. 338): “Si alicujus Auctoris vel Sancti doctrina a Nobis Nostrisque Decessoribus unquam comprobata est singularibus cum laudibus atque ita etiam, ut ad laudes suasio jussioque adderetur ejus vulgandae et defendendae, facile intelligitur eatenus comprobata, qua cum principiis aquinatis cohaereret aut his haudquaquam repugnaret”.

O que é um tomista?

2) Dai-nos, vos pedimos,

a) Que aquilo que aprendemos pela inteligência,

b) Possa ser conduzido ao cumprimento pela imitação.

3) Por Cristo Nosso Senhor. Amém.⁷⁷

Assim seja.

77) No original em latim: α) DEUS, qui Ecclesiam tuam BEATI THOMAE Confessoris tui atque Doctoris.

a) mira eruditione clarificas

b) et sancta operatione fecundas:

β) DA NOBIS, quaesumus,

a) et quae docuit intellectu conspicere,

b) et quae egit imitatione complere.

δ) PER CHRISTUM Dominum nostrum. Amen.